

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA DE HISTÓRIA**

RICARDO HENRIQUE NUNES SILVA FERREIRA

UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES NO NAZISMO

GOIÂNIA

2022

RICARDO HENRIQUE NUNES SILVA FERREIRA

UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES NO NAZISMO

Monografia apresentada na Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História, sob orientação da Prof^ª. Dr.^ª Maria Cristina Nunes Ferreira Neto.

GOIÂNIA

2022

Ferreira, Ricardo Henrique Nunes Silva

Um Estudo sobre as mulheres no Nazismo.
Silva Ferreira — Goiânia: Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades.
PUC GO, 2022.

107f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em História)
— Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de
Professores e Humanidades. PUC GO, 2022

Orientador (a): Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Net
Avaliadora: Dra. Rosemary Francisca Neves

1. História 2. Poder. 3.Segunda Guerra Mundial 4. Nazismo 5.
Mulheres. I. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA



Monografia n° _____ Semestre 2022-2

Autor: Ricardo Henrique Nunes Silva Ferreira

Título: Um Estudo sobre as Mulheres no Nazismo

TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho foi apresentado durante a XIV Semana Científica de História, realizada entre 05 de Dezembro e 09 de Dezembro de 2022, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo n° 001/2017. O candidato foi arguido pelos docentes nomeados abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor Licenciado em História, considerado:

APROVADO com CONCEITO B.

Goiânia, de 08 de dezembro de 2022.

Orientadora:

Profª. Dra. **Maria Cristina Nunes Ferreira Neto**

Banca Avaliadora:

Profª. **Dra. Rosemary Francisca Neves**

Coordenação de Pesquisa em História. Escola de Formação de Professores Humanidades,
5º Andar. Rua 227, Qd. 66, nº 3.669 – CEP 74.605-080. Telefone: +55(62) 3946 168.

RICARDO HENRIQUE NUNES SILVA FERREIRA

UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES NO NAZISMO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciada em História, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Data de aprovação: 08/12/2022

Banca Examinadora

Dra. Rosemary Francisca Neves: (Membro interno)

Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto (Orientadora)

Goiânia, 08 de dezembro de 2022

Uma advertência as explosões típicas de ressentimento, como o nacionalismo que tem ressurgido com força na Europa, não são fenômenos pontuais, que podem ser limitados a um determinado momento histórico. Em geral os ressentimentos são cultivados durante muitas gerações e ficam à espera do momento político próprio para aflorar.

Pierre Ansart

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois é grande o seu cuidado para comigo desde quando nasci e em todo o tempo da minha vida, por ter me sustentado ao longo do percurso desses quatro anos de graduação, sem Ele não teria chegado até aqui. Em especial, agradeço a minha mãe, Soraia, que tinha um sonho de me ver graduado. Externo os meus agradecimentos ao deputado estadual Paulo Cezar Martins, que desde que entrei para os quadros de sua assessoria vinha insistindo comigo para continuar os meus estudos. Da mesma maneira, agradeço uma grande amiga que a vida me deu, Maria Lídia Galvão Sales, que sempre me incentivou a retomar os estudos.

A minha imensa gratidão a minha amiga Daniela Gonçalves, que desde ingressei no curso de História não mediu esforços para me ajudar, como agora nessa reta final de graduação. Quero também expressar a minha gratidão, o meu carinho e a imensa admiração aos docentes de Rio Verde, que serviram como minhas fontes de inspiração, em especial, as professoras Célia Alves Guerra, (Tia Célia), Leila Luiza Ribeiro Lemes (madrinha Leila), Maria Divina Campos, uma grande amiga, Iracema Rios outra ilustre amiga, e Maria Luiza Moraes Evangelista. Finalizo externando os meus absolutos agradecimentos às professoras Dra. Maria Cristina Ferreira Nunes, orientadora que aceitou o convite de embarcar nesse projeto comigo, a quem eu tenho um enorme apreço desde o dia que eu tive a honra de conhecê-la, no dia 17/10/2019, quando já tinha em mente o desejo de ser orientado por ela e, também, agradeço a professora Dra. Rosemary Francisca Neves, que aceitou a missão de avaliar esse trabalho.

RESUMO

Este estudo monográfico, utilizando-se de pesquisa em fontes históricas como textos e livros de autores que estudaram a temática, apresenta uma análise sobre a posição e as ações de mulheres alemãs colaboracionistas com o governo nazista, estabelecido no Terceiro Reich na Alemanha, com a emergência de Adolf Hitler no poder. Um tema com pouca visibilidade nas salas aulas de história e quase nunca mencionados nos livros didáticos. O objetivo foi compreender o que levaram essas mulheres - secretárias, professoras, enfermeiras, esposas - a se identificarem e engajarem aos ideais nazistas. Para tanto, o estudo buscou entender alguns acontecimentos que antecederam o Nazismo, tais como a unificação da Alemanha em 1871, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Tratado de Versalhes (1919), o ressentimento da sociedade alemã no pós-guerra, a ascensão de Adolf Hitler e a ideologia nazista, que foi ganhando cada vez mais aceitação.

Palavras-chave: História; Poder; Segunda Guerra Mundial; Nazismo; Mulheres.

ABSTRACT

This monographic study, using research in historical sources such as texts and books by authors who studied the subject, presents an analysis of the position and actions of German women who collaborated with the Nazi government, established in the Third Reich in Germany with Adolf Hitler's emergence into power. A theme with limited visibility in history classrooms and almost never mentioned in textbooks. The objective was to understand what led these women - secretaries, teachers, nurses, wives - to identify and engage with Nazi ideals. Therefore, the study sought to understand some events that preceded Nazism, such as the unification of Germany in 1871, the First World War (1914-1918), the Treaty of Versailles (1919), the resentment of German society in the post-war period, the rise of Adolf Hitler and the Nazi ideology, which was gaining more and more acceptance.

Keywords: History; Power, Second World War; Nazism; Women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1- SITUAÇÃO ECONOMICA E POLÍTICA DA ALEMANHA: DA UNIFICAÇÃO A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	11
1.1 - OS ANTECEDENTES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....	11
1.2 - O SURGIMENTO DE ADOLF HITLER E SUAS PROPOSTAS.....	19
1.3 - APONTAMENTOS SOBRE O GOVERNO NAZISTA.....	24
2 UM ESTUDO SOBRE: “AS MULHERES NAZISMO” COM WENDY LOWER	28
2.1 - LUGARES, MEMORIAS E ESQUECIMENTOS.....	28
2.2 - PODER, JOVIALIDADE E ENGAJAMENTO POLÍTICO.....	31
2.3 - AS MULHERES DO NAZISMO: AÇÕES E TRAJETÓRIAS.....	38
2.3.1 - JOHANNA ALTVAER ZELLE.....	45
2.3.2 - ELISSABETH LISEL WILHAUS.....	46
2.3.3 - ERNA PETRI.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	53

INTRODUÇÃO

O trabalho em pauta retrata o contexto histórico ocorrido no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre 1939 e 1945, retratando a vida de algumas mulheres alemãs que aderiram ao regime nazista. Para dar vida a essa produção, foram utilizadas como fontes de pesquisa e embasamento teórico textos acadêmicos extraídos da internet, bem como livros de autores que pesquisaram e estudaram temáticas relacionadas ao nosso recorte temporal de pesquisa, que contribuíram para nossa compreensão, quais sejam: a unificação da Alemanha em 1871, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Tratado de Versalhes (1919), o ressentimento da Alemanha no pós-guerra e a ascensão de Adolf Hitler e do Nazismo, assim como a atuação de algumas mulheres que contribuíram com o Nazismo.

Algumas obras foram fundamentais para a elaboração desta monografia, a exemplo do texto “O que foi a Unificação Alemã”, de autoria de Daniel Neves, que nos permitiu compreender melhor o que foi a unificação alemã e sua importância para que a Alemanha se tornasse, em um curto espaço de tempo, uma potência na Europa. Outro livro interessante é “A Primeira Guerra Mundial (A Guerra que acabaria com todas as guerras)”, de Claudio Blanc, escrito em 2019, que elucida os acontecimentos ocorridos durante a Primeira Guerra, nos permitindo inteirar com aquele contexto através de sua visão sobre esse tempo histórico.

A obra do historiador Luiz Amado Cervo, “História das Relações Contemporâneas da sociedade internacional do século XIX à era da globalização” (2006), com uma análise internacionalista, aborda temas relacionados a colonização e ao imperialismo das potências europeias, ocorridos no final do século XIX, de forma que se tornou uma relevante fonte de pesquisa para esse estudo. Nela é retratado a disputa entre as potências na Europa em um cenário de concorrência capitalista, que desencadeou uma grande guerra em 1914.

John Keynes (1919), Marck Mazower (2001) e Pierre Ansart (2004) foram outros autores que contribuíram para uma compreensão mais aprofundada sobre a situação econômica, social e psicológica da Alemanha após o Tratado de Versalhes (1919) e, também, sobre os fatos estabelecidos no período de 1938 a 1945, como a ascensão do Nazismo e o surgimento de Adolf Hitler. Com o texto “História e Memórias

dos Ressentimentos” (ANSART, 2004), referente às dimensões que o ressentimento pode alcançar no campo político, foi possível analisar como esse sentimento na Alemanha do pós-guerra foi usado como mecanismo de manobra para incitar, cada vez mais, o ódio em algumas camadas da sociedade alemã, conclamado as pessoas à adesão e cooperação com o governo nazista, como foi o caso de algumas mulheres, tema que será apresentado no segundo capítulo dessa monografia.

Por último, elegemos quatro livros que foram fontes estruturais de nossa pesquisa, a saber: *Mein Kampf* (1923) de Adolf Hitler; *Nazismo e Guerra* (2014) de Richard Bessel; *Personagens do Terceiro Reich* (2020) de Rodrigo Trespach; e *As Mulheres do Nazismo* (2014) de Wendy Lower.

Como já registrado, o contexto desse estudo se insere no período que antecede a Segunda Guerra Mundial, e os anos em que ela aconteceu, entre 1939 e 1945, e tem como personagem principal as mulheres do Nazismo, ou seja, as mulheres alemãs que aderiram e cooperavam com o Terceiro Reich. É fundamental destacar que não foram todas as mulheres alemãs que abraçaram as causas do regime totalitário nazista, embora tenha sido uma grande parcela. As que aderiram, além de terem dado as suas contribuições aos crimes cometidos por essa ideologia, se tornaram assassinas. O estudo também, dentro das possibilidades e limites, procura entender e apresentar quais foram os motivos que as levaram praticar tais atos, bem como o desfecho que tiveram.

A intenção de escrever esse trabalho partiu de nossa inquietação e incômodo com a barbárie estabelecida na Alemanha nesse período, o que nos despertou a intenção de pesquisar para compreender e demonstrar como o ódio e o ressentimento tem o poder de ser usado para manipular pessoas, ao ponto de as mesmas exteriorizarem o que, talvez, tivessem de pior dentro delas.

O primeiro capítulo dessa monografia apresenta panoramicamente a unificação alemã ocorrida em 1871, a Primeira Guerra Mundial, em seguida, comentamos com alguns autores o Tratado de Versalhes e suas consequências na Alemanha destruída no pós-guerra. Nesse cenário mostra as condições favoráveis à ascensão de Adolf Hitler e do Nazismo, ideologia que passou a abraçada pela a população alemã.

O segundo capítulo apresenta um diálogo com o estudo da historiadora norte-americana Wendy Lower, em seu livro “*As mulheres no Nazismo*” (2014), sublinhando

quem foram as mulheres que aderiram e colaboraram com o governo nazista do Terceiro Reich.

Ao todo foram treze mulheres que abraçaram os ideais propostos pelo regime nazista estudadas por Lower (2014), dentre elas, professoras primárias, enfermeiras, estudante de direito, secretárias, datilógrafas e mulheres da socialite alemã, esposas de fazendeiro ou de um militar da SS. Esse último, antes da ascensão de Adolf Hitler, já era um perseguidor de judeus, depois se tornou chefe máximo do Reich.

Ao colocarem em prática as diretrizes do Partido Nazista essas mulheres negaram as suas vidas e adotaram um comportamento totalmente devoto à ideologia que lhes era repassada. Conforme a autora relata, essas mulheres deixaram aflorar um sentimento de ódio muito grande em nome de uma causa que tinha como lema principal o extermínio de uma raça. Em seus relatos é possível perceberem como elas agiram e tomaram atitudes munidas de uma crueldade aterrorizante.

Mas o que levaram essas mulheres, nesta época, a se identificarem com os ideais nazistas? Por que adotaram um comportamento tão cruel e desumano? São esses questionamentos que norteiam esse presente trabalho.

1- SITUAÇÃO ECONÔMICA E POLÍTICA DA ALEMANHA: DA UNIFICAÇÃO À PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A unificação alemã em 1871 foi um acontecimento que uniu todo o seu fragmentado território em apenas um único país, um Estado Nacional. Esse processo, com conflitos e guerras internas e externas, foi comandado pelo primeiro-ministro prussiano Otto von Bismarck e o rei prussiano Guilherme I. Até o ano de 1870, a região era uma confederação de estados/reinos independentes, com culturas, religião, línguas diversas, e sem expansão territorial. Daniel Neves nos relata que a expansão territorial se deu, posteriormente, com o processo de unificação concretizado, quando o país passou a ser chamado de Alemanha, estabelecido por outra conjuntura física através de uma divisão de antigos reinos. A partir daí, a Alemanha ficou sendo reconhecida como estado-nação¹. (NEVES, 2020). O seu desenvolvimento foi exponencial em curto espaço de tempo, conseguiu se industrializar e se posicionar entre as maiores potências na Europa no final do século XIX até 1914. Esse capítulo apresenta esse contexto histórico.

1.1- OS ANTECEDENTES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Segundo Neves (2020), as conquistas alemãs não se deram devido apenas a um crescimento interno, mas também por derramamento de sangue em virtude de conflitos bélicos que a futura nação passaria, a exemplo, a guerra Franco-Prussiana em 1871. Uma guerra que fora vencida pelos germânicos, que impuseram condições de humilhação aos franceses, além de anexar parte do território francês ao alemão, a Alsácia-Lorena, que possibilitou a Alemanha ganhar um espaço de tamanha notoriedade na Europa e desencadear seu processo de industrialização, permitindo-lhe despontar-se muito rapidamente no cenário europeu como uma potência, deixando outros países da Europa incomodados.

Era preciso quebrar a resistência francesa e derrotar a França para construir a unidade alemã? Sabe-se que esse passo estava nos cálculos de Bismarck, mesmo

¹ ESTADO NAÇÃO é uma área histórica que pode ser identificada como possuidora de uma política legitimada, que pelos próprios meios, constitui um governo soberano. Link: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado-na%C3%A7%C3%A3o>

porque o requeria o sistema germano de alianças: glorificar a unidade com uma importante vitória externa. A derrota francesa foi tão rápida que as outras potências não tiveram tempo de reagir. Estariam dispostas a vir em socorro de Napoleão?

Não era certo o perigo do fim do concerto e do desequilíbrio de poder não advinha, ultimamente, das ambições revolucionárias e imperiais da França? Por que não a deixar sucumbir? A 18 de janeiro de 1871, na sala dos espelhos do Palácio de Versalhes, fundou-se o Império Alemão sobre os escombros do francês. A 10 de maio do mesmo ano, o Tratado de Francfort sancionou os resultados da guerra, sem oposição das outras potências, indiferentes até mesmo à anexação da Alsácia-Lorena, território que a França desesperadamente tentou salvar. (CERVO, 2007, p. 57).

Findo esse período de guerras, a Alemanha, já estabelecida como um país consolidado, fez com que se configurasse na Europa uma nova conjuntura política, pois sua ascensão, advinda das transformações políticas e econômicas implementadas pela unificação e pela revolução industrial, despertou-lhe o interesse por ampliar as suas conquistas e espaço tanto no cenário interno quanto mundial. Em pouco tempo a Alemanha estava na corrida imperialista em busca de colônias, seguindo o exemplo de países como a Inglaterra e a França. A chegada desse novo concorrente causou preocupação nesses países, os quais não quiseram perder o seu protagonismo nesse processo de expansão da ordem internacional europeia. (NEVES, 2020).

Com a Ascensão de Bismark e a emergência alemã, os europeus também iriam se movimentar-se, com mais determinação, mesmo porque procuravam satisfazer novas necessidades da expansão do capitalismo no continente, abrindo mercados para excedentes industriais e para aprovisionamento de matérias-primas. Entre 1848 e 1871, as questões europeias permaneceram centrais para o sistema internacional. (CERVO, 2007, p. 53).

Nesse cenário de competição e desconfiança entre as potências europeias, o que era apenas uma hipótese a ser considerada, foi se tornando um fato. O continente europeu estava em um clima de tensão, que desencadeou uma guerra entre os países imperialistas, e que foi se tornando mundial. Segundo Blanc (2020), em seu livro “Primeira Guerra Mundial: a guerra que acabaria com todas as guerras”, ressalta que alguns pontos foram determinantes para que essa guerra fosse deflagrada, tais como: o crescimento do nacionalismo em todo continente europeu que trouxe à tona problemas territoriais, a exemplo do revanchismo francês; a formação de alianças defensivas e a corrida armamentista iniciada em décadas passadas que, somadas a

competição por colônias ricas em matérias primas, foram alterando o equilíbrio de poder entre as potências europeia. (BLANC, 2020).

Embora que para os países se confrontassem no aspecto bélico fosse necessário um estopim, a Europa se encontrava como um barril de pólvora esperando para explodir. O fato se consumou com o assassinato do arquiduque herdeiro do império austro-húngaro, Francisco Ferdinando e sua esposa em visita a Sarajevo. Esse acontecimento repercutiu nos países europeus devido as alianças defensivas que foram se organizando no final do século XIX².

Na ótica de Blanc (2020), a primeira Guerra Mundial foi um dos maiores conflitos bélicos assistido e implementado pela humanidade. Uma guerra que contou com a maioria das potências mundiais e sustentada com armas de grande destruição. Um detalhe de suma importância dessa guerra foram os combates terem ocorridos por meio de trincheiras, onde os soldados avançavam diante a grandes bombardeios e na mira de metralhadoras. O autor relata que ao iniciar as ofensivas, a tática dos poderes centrais representados pela Alemanha, Áustria e Turquia, tiveram problemas em sua comunicação, o que não trouxe êxito para as suas primeiras batalhas. A Alemanha deveria declarar apoio o Império Austro-Húngaro num ataque à Servia, mas a forma que essa ajuda seguiria não foi estudada. (BLANC, 2020).

Já os austríacos tentaram colocar em práticas os planos e invadirem a Sérvia enfrentando o seu exército na Batalha de Cer ou batalha de Jadar como ficou conhecido esse conflito, que foi a tentativa de invasão do exército austro-húngaro contra a Servia, ocorrida no período de 16 a 19 de agosto de 1914, ocasionando a primeira derrota dos países dos poderes centrais. Blanc (2020) destaca, ainda, outro insucesso sofrido pelo exército austro-húngaro, que se deu logo em seguida ao primeiro, quando foi derrotado na batalha de Kolubara, ocorrida entre 16 de novembro a 15 de dezembro de 1914. Na verdade, planejava-se colocar em prática um ataque ao território francês por meio de uma invasão pela Bélgica, que mantinha uma posição de neutralidade no conflito, condição que foi assegurada pelo tratado de Londres

² Segundo Cervo (2006), as alianças defensivas entre os países europeus que se envolveram na primeira guerra mundial eram divididos em dois grupos na Alemanha, Império Austro-Hungaro e Império Otomano, já na Inglaterra eram divididos em França e Rússia.

assinado em 1839 por várias potências da Europa que não só reconheciam e garantiam a independência e neutralidade da Bélgica. (BLANC, 2020).

Na concepção de Blanc (2020), ter violado esse tratado de neutralidade da Bélgica foi o menor do mal praticado pelo exército alemão, mais grave ainda foi a maneira como eles trataram os civis belgas, que foram apelidados de “Estupro da Bélgica”. O teor de crueldade dos alemães foi tão desenfreado que em algumas cidades eles incendiaram casas e ceifaram vidas de vários civis, inclusive mulheres e crianças, além dos saques promovidos. Infelizmente, o estupro foi uma realidade vivida pelas mulheres belgas por inúmeras vezes durante o período da invasão alemã, entre os anos 1914 e 1918. (BLANC, 2020).

Embora grande parte da guerra tenha acontecido em território terrestre, o conflito se estendeu para o aspecto marítimo. Segundo Blanc (2020), os combates nas águas se definiam pela força dos países aliados que detinham um poder naval superior e de maior abrangência geográfica, com isso eles conseguiam bloquear as potências centrais pelo mar. A missão dos alemães e dos austro-húngaros era fazer frente ao bloqueio dos países aliados, destruindo navios mercantes e limitando seu abastecimento tático, o que acabou atraindo tanto os Estados Unidos da América como o Brasil à guerra, que lutaram contra a Alemanha e seus aliados. (BLANC, 2020).

Muitos historiadores escreveram como foi essa competição entre a Alemanha e a Grã-Bretanha na construção de navios, sendo que alguns deles ressaltaram que os alemães desejavam igualar a sua marinha de guerra com a dos ingleses. Por conta disso, esse clima de tensão foi incitado entre as duas potências. Por sua vez, os líderes alemães almejavam ter uma marinha que correspondesse com as suas forças militares e econômicas. Acontecendo dessa forma, acreditavam que estariam livres dos favores britânicos com relação ao comércio exterior e suas possessões coloniais, enxergavam que uma marinha munida nessa proporção poderia competir em pé de igualdade com o império britânico. (BLANC, 2020).

Outro detalhe de destaque e importância que aconteceu na primeira Guerra, foi a retirada das tropas russas que lutavam ao lado dos países aliados contra os alemães. Blanc (2020) relata que em 1917, ano que antecedeu o fim da guerra, a Rússia se encontrava exaurida tanto pela participação no conflito mundial quanto com

os problemas internos. A Rússia era um país muito atrasado e não tinha passado pelo processo de industrialização, entretanto, os russos contavam que havia afundado sete navios americanos e, assim, ganharam respaldo da opinião pública de seu país. Por outro lado, o presidente dos EUA Woodrow Wilson (1913-1921) declara guerra à Alemanha e ao Império Austro-Húngaro. A Ofensiva dos Cem Dias é tida por Blanc (2020) como o princípio do fim da guerra, quando comandantes do exército alemão tomaram a consciência de que não venceriam a guerra, já com seis milhões de soldados mortos, além do fato do Império Austro-Húngaro ter informado aos alemães que teriam condições de permanecerem na guerra somente até dezembro de 1918.

Além de sofrer um ataque bem-sucedido por parte do exército francês na batalha de Marne, ocorrida em 6 de agosto de 1918, a batalha de Amiens recebeu o apoio de mais de quatrocentos tanques, uma coalização de cento e vinte mil homens que atacaram as tropas alemãs. Com o 1º Exército Francês no flanco direito, o 4º Exército Britânico no lado esquerdo e o reforço formado por tropas australianas e canadenses na direção central, infiltraram-se, com apenas sete horas, doze quilômetros em territórios que eram mantidos por forças germânicas. (BLANC, 2020).

Ciente de que não conseguiriam vencer a guerra mediante a força militar, Blanc (2020) menciona que o general Erich Ludendorff, líder das Forças Armadas do Kaiser, ainda tinha uma alternativa para sair da guerra de cabeça erguida. Entretanto, a realidade era outra, mesmo tentando uma negociação de paz, mas com mais de seis milhões de soldados mortos a Alemanha já não tinha mais seu trunfo principal, seu exército já estava batendo em retirada e os alemães já não tinham mais o que barganhar. Por outro lado, os aliados não aceitaram nem um acordo de paz com os países do centro a não ser a sua rendição incondicional. No dia 11 de novembro de 1918, a Alemanha assinou o armistício, que estabeleceu que os países da Liga dos Poderes Centrais perdiam a guerra. (BLANC, 2020).

Após o fim do conflito mundial, em 1918, a Alemanha se encontrava em um verdadeiro dilema, já amargando uma derrota, via a derrocada de suas Forças Armadas.

Ao abordar a questão do Tratado de Versalhes, acordado entre as nações vencedoras em 1919, o economista inglês John Maynard Keynes (1919) expôs, de forma crítica, a sua visão sobre o Tratado e suas consequências em uma Europa

destruída pela guerra. No seu ponto de vista, o documento não estabelecia pontos para a recuperação econômica da Europa, além de não manter um diálogo amigável com os Impérios centrais derrotados, não dava respaldos aos novos estados formados na Europa após o conflito. Ademais, o Tratado não determinava ajuda tanto à Rússia para se recuperar, quanto aos países aliados para se promoverem. No entanto, a generosidade econômica entre os aliados em Paris não atingiu um acordo para restabelecer as finanças desordenadas tanto da França quanto da Itália, ou para ajustar os sistemas da Velho Mundo aos do novo.

Do meu ponto de vista, os fatos essenciais da situação apresentam-se de maneira simples. A Europa é constituída pelo mais denso e agregado populacional do mundo. Esta população está habituada a um nível de vida relativamente alto, em relação ao qual mesmo agora alguns dos seus segmentos deveriam melhorar em vez de regredir. A Europa não é suficiente em relação a outros continentes; particularmente, ela não consegue autoalimentar-se. Internamente, a população não está igualmente distribuída; uma boa parte dela está confinada em um número relativamente pequeno de centros industriais densamente povoados. (KEYNES, 1919, p. 5).

Partindo desses apontamentos, Keynes (1919) nos apresenta uma visão panorâmica sobre a situação que a Europa se encontrava por conta dos efeitos da guerra e, também, como era a rotina de seus países antes do conflito. A Europa sempre foi um continente com uma densidade populacional distribuída de forma desigual, sendo que uma parcela significativa dela vivia em pequenos centros industriais densamente povoados. Além disso, não era autossuficiente em relação aos demais continentes em assuntos voltados em prover a alimentação, pois dependia da importação de matérias-primas para alimentar o seu povo. Entretanto, com o progresso advindo da industrialização, essas fragilidades demandadas eram atendidas pelos Estados e a população, de forma geral, nos períodos que antecederam a guerra, tinha um ritmo e um padrão de vida alto.

Keynes (1919) nos mostra algumas características da Europa antes do início da guerra que mesmo estando sob um sistema muito frágil e com algumas complexidades, os europeus conseguiam prover as necessidades de subsistência mediante a produção de carvão e de estradas de ferro, já que o continente era todo ligado por esse meio de transporte. Apesar de depender da importação de alimentos, a população tinha um alto padrão de vida e desenvolvimento, mas, em virtude da destruição gerada pela guerra, o sistema de abastecimento, que supria a Europa, foi

paralisado, pois as estradas de ferro estavam totalmente destruídas. Essa foi uma dura realidade para parcelas da população, que se viram privadas das boas condições de vida que usufruíam antes do conflito.

Keynes (1919) afirmava que, devido essa situação da Europa, a emigração poderia não ser uma alternativa para essa população que estava à deriva de sua própria sorte. Além de não ser uma tarefa nada fácil de ser realizada, poderia levar um longo tempo para ser cumprida, mesmo que tivessem países dispostos a recebê-los, o que não era a situação, pois o mundo estava em crise. Alertava o economista: uma preocupação rondava a Europa como um fantasma, qual seja, a fome que estava assolando grande parte do continente. (KEYNES, 1978).

Tendo participado do Tratado de Versalhes (1919) como um telespectador, Keynes (1919) nos mostra com sua ótica analítica sobre o tema, que as perspectivas para a Europa não eram tão positivas ao passo que tecia relevantes críticas à forma como o Tratado foi conduzido pelas potências vencedoras. Para Keynes os países aliados, termo utilizado para definir as nações que lutaram contra a Alemanha e os seus aliados, estavam empenhados apenas em suas reconstruções individuais e não na Europa como um todo.

De forma que, segundo Keynes (1919), ao invés de pôr fim aos problemas ocasionados pela a guerra, essa atitude egocêntrica dos países aliados incitava o ressentimento de países que perderam o conflito, em especial, a Alemanha, que se encontrava em uma situação caótica generalizada, com a economia e sua força bélica totalmente destruídas, além das sanções financeiras que lhes foram impostas pelo Tratado de Versalhes. A fome se tornou uma companheira indesejada à população, e mediante a todos esses fatores, o que era para ser visto como uma solução, serviu como mecanismo para incitar o descontentamento e o ressentimento da sociedade alemã. Sem incentivo algum para mudar essa realidade e sem perspectivas de futuro, foi-se abrindo espaço para que novas ideologias salvadoristas e extremistas se tornassem reais e condutoras de mudanças capazes de trazer uma vida digna novamente aos alemães.

Blanc (2020) nos explica que o Tratado de Versalhes (1919) impôs aos vencidos as seguintes condições de hostilidade: a retirada das tropas alemãs de volta para o território nacional, a preservação das infraestruturas e trocas de prisioneiros de

guerra, além de cumprir a promessa de reparos e a rendição total de navios de guerras e submarinos mesmo estando em combates.

Quando o Tratado de Versalhes foi estabelecido, em 1919, um ano após o fim da primeira Guerra, a Alemanha se encontrava em total ruína. A economia estava em fragalhos, o exército destruído, vários civis mortos e a população arruinada pela fome e munida por um grande ressentimento, que se mantendo cada vez mais vivo e incentivado por programas de real extremismo, apresentadas nas diretrizes do Nacional-Socialismo. (BLANC, 2020).

Pierre Ansart (2004, p. 2), estudando as interconexões entre história, memória e ressentimentos, afirma que em vários momentos da história podemos perceber a intensificação dos ressentimentos, que pode ser definido como “o ódio que foi ao mesmo tempo interiorizado e recalçado pelos inferiores, denegado por aquilo que representa, e metamorfoseado em valor positivo: a inferioridade transformada em humildade resignada, a fraqueza disfarçada em amor da justiça, o ódio ‘recalçado’”. Na Alemanha, após a primeira Guerra Mundial aconteceu justamente uma

[...] reiteração ou de exasperação do ressentimento, e que pode assumir a forma de um verdadeiro delírio de ressentimento, como constatamos no totalitarismo nacional-socialista. Sabe-se do uso repetitivo que a propaganda hitlerista, após a subida ao poder em 1933, fez da humilhação de 1918 e do desejo de revanche e vingança, da forma exasperada como foi desenvolvido o ódio pela riqueza capitalista, o ódio contra os judeus, contra os franco-maçons (ANSART, 2004, p. 11).

Nesse cenário, segundo Blanc (2020), o Nacional-Socialismo difundiu-se na sociedade alemã, visto que apontava soluções para o desastre que assolava aquele país, sendo sua maior derrota, a moral.

Isso criou uma legião de seguidores naturais do Nacional-Socialismo – doutrina política que começava a se esboçar como solução para catástrofe que assolava o país. Os nacionalistas acusavam os traidores da pátria - isto é, os judeus, marxistas e republicanos, a ideia de traição doméstica não apenas se fixou entre o público alemão, como também levou a opinião pública a apoiar o partido Nacional-Socialista de Hitler. Os judeus foram considerados os bodes expiatórios para justificar a derrota. (BLANC, 2020, p. 69-71).

1.2- O SURGIMENTO DE ADOLF HITLER E SUAS PROPOSTAS

Mediante as revelações de cunho pessoal do próprio autor, Adolf Hitler, que não apenas conta uma história, mas, também, a sua própria história, em *Minha Luta* ou *Mein Kampf* (1923), narra o seu ponto vista sobre fatos que vai desde o seu nascimento até o interesse pela política e o ingresso nela.

Adolf Hitler (1923) relata que com o fim da primeira Guerra Mundial, já no ano de 1919, após a libertação de Munique, foi intimado a comparecer perante a Comissão de Sindicâncias para prestar esclarecimentos referentes aos fatos da revolução no 2º Regimento de Infantaria. Para Hitler, esse foi o seu primeiro contato próximo com a política. Sobre sua iniciação diz que lhe foi destinado a missão de participar de um curso para os membros da milícia de defesa, que tinha como meta dar aos soldados embasamentos de orientação cívica. Hitler entendia que esse curso foi uma grande oportunidade para que pudesse estabelecer conhecimentos com alguns “camaradas” que tinham o pensamento semelhante ao dele.

A respeito do ato de doutrinar, em sua narrativa biográfica, Hitler afirma que o doutrinador não tem a obrigação de estabelecer uma exequibilidade de uma causa em si, mas sim de esclarecer o fato em si, e ainda afirma que o doutrinador de um movimento deve priorizar a finalidade dele, já o político deveria realizá-lo.

O objetivo de nossa luta deve ser o da garantia da existência e da multiplicação de nossa raça e do nosso povo, da subsistência de seus filhos e da pureza de sangue, da liberdade e independência da pátria, a fim de que o povo germânico possa amadurecer para realizar a missão que o criador do universo a ele destinou. (HITLER, 1923, p. 162).

Ao relatar sobre a primeira Guerra Mundial, Hitler confessa com tristeza o seu lamento por ter nascido em um período que julgava ser uma época em que todas as honras e glórias eram destinadas a negociantes ou funcionários do governo. Pesaroso, diz a para si mesmo o quanto teria sido bom se ele tivesse nascido cem anos antes, mais precisamente no período das guerras da Independência que, para ele, o homem mesmo desprovido de negócios ainda tinha valores (HITLER, 1923).

Para construir sua imagem comprometida com a Pátria, Hitler (1923) relembra uma época inesquecível de sua vida, quanto foi para o front de batalha durante a primeira Guerra Mundial. Com riqueza de detalhes menciona ser o 10º aniversário

daqueles “formidáveis acontecimentos” das primeiras semanas que para ele foi uma “luta heroica” do seu povo. Na sua visão, o destino foi muito generoso por ter lhe dado a oportunidade de participar daquele conflito e aprender com ele.

Observador cuidadoso dos acontecimentos políticos, sempre me interessou vivamente a maneira porque se fazia a propaganda da guerra. Eu via nessa propaganda um instrumento manejado, com grande habilidade, justamente pelas as organizações sociais comunistas. Compreendi, desde logo, que a aplicação adequada de uma propaganda é uma verdadeira arte, quase que inteiramente desconhecida dos partidos burgueses. Somente o movimento cristão social, sobretudo na época de Lueger, aplicou esse instrumento com grande eficácia e a isso se devem de seus triunfos. (HITLER, 1923, p. 134).

Hitler informa aos leitores em sua autobiografia que a sua primeira manifestação pública ocorreu no dia 24 de fevereiro de 1920, atraindo uma multidão de aproximadamente duas mil pessoas. O local escolhido para essa reunião foi o salão de festas da Hofbräuhaus, localizado em Munique, onde foram apresentadas com muito êxito e aceitação o nome e as vinte cinco teses do programa do novo partido. Afirma-lhes que as diretrizes e as principais linhas do seu projeto visavam extinguir os ideais e pontos de vistas gastos e objetivos perniciosos tanto do mundo burguês quanto da grande onda marxista que crescia rapidamente na Europa e na Alemanha. No seu entender, precisava de uma nova força para barrá-los. (Hitler, 1923).

Bessel (2014) relata que logo após tomar posse como chanceler do Reich e concluir a formação do seu governo com o perfil de concentração nacional, Hitler se reuniu com vários comandantes dos distritos do Exército na noite do dia 3 de fevereiro. Em um discurso de mais de duas horas, Hitler explanou o seu desejo para as Forças Armadas sob o regime nazista, e expôs a sua visão de vida como uma “luta de classes”. Assim, para ele, como na vida dos indivíduos “o melhor e o mais forte sempre prevalece”, o mesmo acontecia na vida dos povos. (BESSEL, 2014).

Como se pode agora salvar a Alemanha? Como se livrar do desemprego? Hitler respondia:

Sou profeta há 14 anos e digo repetidas vezes todos esses planos econômicos, a concessão de crédito à indústria e os subsídios estatais são bobagens. Podemos nos livrar do desemprego de duas maneiras: 1. pela a exportação a qualquer preço e por qualquer meio. 2. Com uma política de povoamento em grande escala que tenha como condição a expressão do espaço vital do povo alemão. Este último caminho seria a minha proposta. Num período de cinquenta a sessenta anos, teríamos um Estado completamente novo e saudável. Mas a realização desses planos só pode começar se forem criadas as condições necessárias. A condição prévia é a

consolidação do Estado. Ninguém mais deve ser cidadão do mundo. A democracia e o pacifismo são impraticáveis. (HITLER apud BESSEL, 2014, p. 43, 44).

Como podemos observar com essa breve exposição a respeito do surgimento público de Adolf Hitler no cenário da Alemanha logo após o final da primeira Guerra Mundial, esse personagem não ganhou evidência por um acaso. Suas palavras ganharam eco em uma sociedade e em um país impactados pelas dificuldades advindas da guerra e descrentes das promessas da democracia liberal. Por isso o seu projeto de “salvar” a Alemanha e organizar a Europa através de uma “Nova Ordem Nazista”, sob a hegemonia do Terceiro Reich.

O historiador Marc Mazower (1998) afirma que o projeto de reconstruir a Europa de maneira hierárquica de forma que a Alemanha estivesse no topo se tornou uma notícia conhecida pelas demais nações. Era do conhecimento das nações que a ordem internacional que surgiu a partir da Revolução Francesa tinha acabado com a primeira Guerra. A partir de então,

[...] os Estados-nação teriam de dar lugar as entidades políticas maiores [...] assim, o conceito de uma organização hierárquica da Europa não era inaceitável. Contudo, o que choca quem entra em contato com os alemães é sua concepção puramente mecânica e materialista da ordem europeia. (LUCIOLLI, 1942 apud MAZOWER, 1998, p. 146).

Mazower (1998), analisando o governo nazista durante o período da segunda Guerra Mundial, sublinha que a postura de seus adeptos se diversificou, os bajuladores de Hitler disputavam a sua atenção, enquanto outros aliados e colaboradores ficavam por conta de criarem contentas. Embora diante desse cenário de atritos internos e a pressão da incerteza dos vários planos para o futuro que eram de responsabilidades dos institutos de pesquisas nazistas, a plataforma geral da “Nova Ordem Nazista” ocorrida entre 1938 e 1945, se tornou a maior experiência para o desenvolvimento do continente europeu no século XX. O autor certifica que ao se submeter outros povos e nações ao regime sustentado por uma violência extrema e constante nunca vista antes, os europeus que havia se tornado “indiferentes à democracia”, a redescobriram em 1941, depois de vivenciarem no seu cotidiano as atrocidades do regime. (MAZOWER, 1998).

Os pilares de uma Nova Ordem que se opunha às diretrizes do Tratado de Versalhes (1919) não se resumiam em apenas aos adeptos do nazifascismo, a

insegurança do poder alemão se misturava com a satisfação da recuperação econômica.

Na Alemanha o clima era de euforia. A Nova Ordem prevalecera contra os “protetores de uma era agonizante”. Mais que nunca, os alemães sentiam-se vivendo numa época histórica”. Depois da marcha para Praga, Hitler afirmou que “ao de seus mil anos, o Reich demonstrou [...] que lhe cabe restabelecer a ordem na Europa Central”. Às vésperas da campanha ocidental anunciou que “a luta que ora se inicia decidirá o destino da nação alemã nos próximos mil anos.” Goebbels saudou uma “época sem precedentes”, na qual o “gênio histórico do Führer estava ajudando a construir “uma nova Europa”. (MAZOWER, 1998, p. 149,150).

Mazower descreve a Nova Ordem europeia, na verdade era uma ordem alemã, por mais que alguns nazistas com uma visão mais ampla da situação sugerissem a bandeira do europeísmo, para Hitler a causa se resumia apenas na Alemanha ou mais precisamente, o Deustschum³. Após invadir a União Soviética, as mensagens vindas de Berlim enfatizavam aos povos do Leste europeu que se tratava de uma cruzada pelo território europeu, usando o lema “Frente Única pela a Europa contra o Bolchevismo.” (MAZOWER, 1998).

Esse europeísmo nazista, segundo esse historiador, se fazia presente no aspecto econômico e não no campo político. O pensamento de uma doutrina Monroe alemã estava ligado a uma economia regional focalizada na Alemanha, na ótica nazista referente a economia internacional não estabelecia nem um tipo de comparação com a doutrina liberal. Dos vários benefícios oferecidos pelo mercado, o regime nazista sustentava que os parceiros da Alemanha se beneficiavam com essa associação, fato que foi ocorrendo até o final da década de 1930. (MAZOWER, 1998). Entretanto, no final da década de 1930, a reconstrução da Europa conduzida por meios autoritários pelos alemães estava em descrédito popular.

Esse descrédito e indignação também foram percebidos por Mazower (1998, p. 147) nos países europeus que colaboraram com o Terceiro Reich a partir de 1941: “a oportunidade perdida do Führer”. Para demonstrar a “perda de fé na Nova Ordem de Hitler”, Mazorwer (1998) assinala as investidas do regime nazistas nos países

³ O etnônimo Deutsche é usado de muitas maneiras. No sentido dos alemães étnicos, isso é entendido como o grupo de pessoas cujos parentes falam alemão como língua materna e possui características culturais alemãs específicas, muitas vezes uma origem comum é postulada; uma concepção nacional dos alemães vê em uma descendência comum a principal característica distintiva entre alemães e não-alemães. No sentido jurídico, todos os cidadãos alemães formam cidadãos alemães. Existe uma estreita inter-relação entre as diferentes concepções, em particular entre o conceito de etnia, por um lado, e as disposições sobre a afiliação jurídica à Alemanha e os conceitos de uma nação alemã, por outro. Link: <https://educalingo.com/pt/dic-de/deutschtum>

dominados, o comportamento desrespeitoso e cruel das tropas nazistas, a escravização dos trabalhadores e a questão racial.

Hitler, em agosto de 1941, proclamava em discurso que a Europa não era uma entidade geográfica, e sim uma entidade racial, Segundo Mazower (1998), a Liga das Nações tinha tentado preservar as minorias onde elas estivessem posicionadas e manter a estabilidade através do Direito Internacional, enquanto Hitler desacreditava no direito e propunha manter a estabilidade através do deslocamento de populações em virtude de pautas raciais. Essa política propunha trazer de volta à Alemanha, antigos emigrantes alemães que estivessem dispersos pela Europa. Com isso fez com que uma quantidade imensa de pessoas fosse removida de suas pátrias e reinstaladas em ambientes distantes de suas origens. Na verdade, foram deixadas em condições de abandono, encerradas em campos de trabalho, condenadas a terem suas vidas ceifadas. Para o autor, nesse sentido, a segunda Guerra Mundial se diferencia de outros conflitos já ocorridos. Não foi por acaso que o termo genocídio foi criado em 1944, após a onda de extermínio em grande escala promovida pelo Estado Nazista. (MAZOWER, 1998).

Conforme Mazower descreve, as práticas criminosas cometidas pelos nazistas foram responsáveis pela demora “para emergir da completa reestruturação racial do Leste europeu”. Quando o conflito se encerrou, haviam sido assassinados aproximadamente 6 milhões de judeus europeus. Na Polônia e na Grécia quase toda comunidade judaica foi dizimada, além de outros grupos étnicos aproximadamente entre 200 e 500 mil ciganos, sérvios, poloneses, ucranianos e russos perderam as suas vidas em campos de concentração. (MAZOWER, 1998).

O nacional-socialismo começou anunciando a criação de uma Nova Ordem, na Europa, porém, à medida que a ideologia racial prevalecia sobre a racionalidade econômica, a extrema violência implícita nesse projeto tornava-se mais evidente. “Pão de mel e chicotadas”: assim Goebbels resumiu a sua política, mas o pão de mel era insuficiente e as chicotadas eram demasiadas. (MAZOWER, 1998, p. 184).

No dia 30 de janeiro de 1939, Bessel (2014) descreve como o sexto aniversário da chegada de Hitler ao poder, o dia em que ele fez um discurso ao Reichstag, anunciando uma terrível previsão, pois delegava toda a responsabilidade da situação caótica que a Alemanha vivia aos nos judeus, e se caso os países da Europa se

envolvessem novamente em uma guerra mundial, seria necessário aniquilar a “raça judia” do continente europeu.

Na concepção desse autor, essa declaração deve ser entendida como um argumento real que comprova um plano para exterminar toda a população judia da Europa, mas, na verdade, foi uma declaração de guerra nazista. (BESSEL, 2014). Na realidade, a segunda Guerra Mundial concedeu ao regime nazista a oportunidade de reestruturar a composição da Europa em termos raciais. O projeto de Hitler, a “Guerra Racial” (MAZOWER, 1998), estabelecia o abandono dos cálculos políticos e militares racionais na esperança de formar uma utopia racista. Como nos lembra Bessel (2014), durante a guerra o regime nazista tentou pôr em prática o seu projeto chamado de “realização do impensável”, que seria o extermínio de um povo inteiro.

Entretanto, a guerra isentou o nazismo das restrições que até o momento tinha barrado o cumprimento dessa lógica terrível de sua ideologia racista. Ela deu condições para que a ideologia nazista se tornasse real (BESSEL, 2014), arregimentando vários estratos da sociedade alemã, inclusive, algumas mulheres que se propuseram ser braços fortes do regime nazista, tema que será abordado no segundo capítulo dessa monografia.

1.3 – APONTAMENTOS SOBRE O GOVERNO NAZISTA

Como já dito anteriormente, em seu livro *Mein Kampf* (1923), Adolf Hitler descreve que a sua primeira experiência com a política se deu quando foi intimado para comparecer diante de uma Comissão de Sindicâncias para prestar esclarecimentos referentes à revolução no 2º Regimento da Infantaria. E, conforme a visão de Bessel (2014), nas primeiras palavras escrita em seu livro *Hitler*, sem demoras, explanava que o Nazismo era uma guerra racista, isso é, o pilar principal que estabelecia a sua produção.

Bessel (2014) descreve o Nazismo e a guerra como dois fatores inseparáveis, e que agindo como um movimento político, o Nacional-Socialismo alemão achou espaço para crescer em grande escala na Alemanha, em virtude da derrota que o país sofreu na primeira Guerra Mundial. Para esse autor, o seu líder maior, Hitler, viu sentido da vida através da guerra, visto que a descreve como a maior e inesquecível

experiência de toda a sua vida. Bessel (2014) pontua duas características marcantes do regime nazista. A primeira, sendo o Nazismo uma ideologia política, agia em torno da guerra, e para o combate era visto como o principal propósito das nações e o parâmetro da saúde de uma raça. A segunda característica do regime se deu quando o comando nazista resolveu militarizar a economia e a sociedade alemã, daí o regime passou a doutrinar a população para que aceitasse a guerra de uma maneira voluntária e com satisfação. (BESSEL, 2014).

Conforme Bessel (2014) relata, durante o tempo que Hitler passou na prisão, condenado por comandar o que ficou conhecido como o fracassado Putsch da Cervejaria⁴, ou como Putsch de Munique, em novembro de 1923. Em Mein Kampf (1923) Hitler, já na apresentação de sua produção, narra sobre o regime nazista e as suas práticas, explicando ao seu leitor que não se tratava de uma história do Terceiro Reich, mas sim como foi o fim da primeira guerra:

Na noite de 13 a 14 de outubro [de 1918], começou o bombardeio a gás na frente sul de Ypres. Empregava-se um gás cujo efeito ignorávamos ainda. Nessa mesma noite, eu devia conhecê-lo por experiência própria. Estávamos ainda numa colina ao sul de Werwick [Wevock], na noite de 13 de outubro, quando caímos sob um fogo de granadas que já durava horas e se prolongou pela a noite adentro, de maneira mais ou menos violenta. Lá por volta da meia-noite, já uma parte de nossos companheiros tinha sido posto para fora de combate, alguns para sempre. Pela a manhã, senti também uma dor que de 15 em 15 minutos se tornava mais aguda e às sete horas da manhã, trôpego e tonto, com os olhos ardendo, eu me retirava levando comigo a minha última mensagem da guerra. Já algumas horas mais tarde, os meus olhos tinham se transformado em carvão incandescente. Em torno de mim tudo estava escuro. (HITLER, 1923 apud BESSEL, p. 2014).

Rodrigo Trespach (2010) escreve sobre os personagens do Terceiro Reich, destacando algumas personalidades como Paul Joseph Goebbels, Heinrich Luitpold Himmler e Josef Mengele. Explica que “Camarilha” é o termo usado para nomear um grupo de bajuladores de Adolf Hitler, sendo que a maioria dos membros desse grupo acompanhava Hitler desde os anos 1920. Muitos desses homens eram veteranos da primeira Guerra Mundial, (1914-1918) e se tornaram nomes de destaque dentro do regime nazista, como Rudolf Hesse e Hermann Göring, além de serem veteranos da

⁴ O Putsch da Cervejaria ou Putsch de Munique foi uma tentativa falhada de golpe de Estado de Adolf Hitler e do Partido Nazista contra o governo da região alemã da Baviera, ocorrido em 9 de novembro de 1923. O objetivo de Hitler era tomar o poder do governo bávaro. Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Putsch_da_Cervejaria

Grande Guerra, estavam ao lado de Hitler no fracassado Putsch da Cervejaria, em 1923, tanto que Hess dividiu a prisão com Hitler. (TREPSCH, 2010).

Relatando sobre os personagens dessa camarilha que formou o governo nazista, Trepsach (2010) inicia seu relato com Rudolf Hess, conhecido como o vice-Führer e conhecido como braço direito de Hitler. Era uma das figuras mais controversas do Terceiro Reich, seu pai era um abastado empresário alemão. Rudolf nasceu no Egito, realizou os seus estudos na Alemanha e na Suíça. Lutou como soldado de infantaria e tenente voador durante a primeira Guerra Mundial. O autor informa que Hess foi preso pelos seus crimes de guerra e condenado pelo Tribunal de Nuremberg a prisão perpetua, entretanto, quando ele completou 93 anos idade cometeu suicídio. A sua esposa passou por um processo de desnazificação entre os anos de 1947-1948, após isso ela abriu uma pensão em Gailenberg. Até a data da sua morte em 1995 ela mantinha contato com grupos neonazistas, e juntamente com o seu filho escreveram livros em defesa de Rudolf Hess. (TREPSACH, 2010).

O segundo integrante da camarilha de Hitler descrito por Trepsach foi Hermann Göring, sendo, depois do Führer, a personalidade mais proeminente no Terceiro Reich. Entre os demais membros do grupo, foi quem alcançou maior popularidade do Reichsmarschall (marechal do Reich). Era filho de um diplomata alemão, nasceu na Baviera, divisa com a Áustria. Segundo Trepsach (2010), desde muito novo Göring foi um excelente aluno na escola de cadetes, no início da primeira guerra ele já era um tenente e não precisou de muito esforço para ser condecorado por ato de bravura. No ano de 1932, o Partido Nacional-Socialista alcançou a maioria do Reichstag e Göring se tornou presidente do parlamento, a partir daí deu-se o primeiro passo para Hitler chegar à Chancelaria da Alemanha. Já em 1945, preste a chegada do fim da guerra em 1945, e o Exército Vermelho cada vez mais próximo de Berlim, Göring fugiu da cidade, foi acusado de traição pela tentativa de assumir o controle do Reich, o que fez o próprio Hitler expulsá-lo do Partido Nazista e a retirá-lo da linha sucessória.

Quando Göring foi capturado pelos americanos na Áustria, foi levado a julgamento em Nuremberg, e condenado a morte. Entretanto, três horas antes da sua execução, cometeu suicídio ao ingerir uma capsula de cianeto de potássio. Sua esposa, assim como as de outros nazistas, também passou pelo o processo de desnazificação entre os anos de 1947-1948, embora tanto ela quando a filha deles,

Edda, mantiveram o culto ao Reichmarschall até o fim de suas vidas. Emmy morreu em 1973 e Edda em 2018. (TRESPACH, 2010).

O trabalho de Rodrigo Trespach (2010) sobre a história das personalidades do Terceiro Reich, priorizou figuras masculinas, descrevendo seus atos, convicções e contribuições ao governo nazista. A presença feminina, personagem principal dessa produção que será descrita no segundo capítulo desse trabalho, não teve tanto destaque em sua obra. No próximo capítulo será apresentada a atuação de algumas mulheres alemãs que abraçaram a ideologia nazista e foram colaboracionistas do Terceiro Reich.

2. UM ESTUDO SOBRE “AS MULHERES NO NAZISMO” COM WENDY LOWER

Este capítulo apresenta uma exposição sobre as mulheres que aderiram ao Nazismo e colaboraram com o governo do Terceiro Reich na Alemanha. Quando se trata de temas específicos da segunda Guerra Mundial, já se pensa em figuras masculinas como a do ditador Adolf Hitler ou dos colaboradores do alto escalão do Terceiro Reich. Ao escolher o tema “Mulheres no Nazismo”, é preciso deixar evidenciado que essa produção tem clareza que devemos ter o cuidado para não construir uma narrativa genérica. É fato que não foram todas as mulheres alemãs que aderiram aos ideais desse regime totalitário.

Ademais, esse estudo procurou abordar um tema pouco explorado tanto nos livros didáticos como nas salas de aula, qual seja, a atuação das mulheres na guerra, em especial, de mulheres que foram colaboracionistas do governo nazista durante a segunda Guerra Mundial. Segundo estudos mais recentes, ao todo, foram treze mulheres⁵ que entraram para história, por terem suas vidas marcadas pela influência das propagandas do regime nazista e por terem se tornado testemunhas, cúmplices e assassinas desse governo de morte. A título de melhor compreensão, este estudo monográfico elege a trajetória de três mulheres estudadas na obra de Wendy Lower (2014), intitulada “As Mulheres no Nazismo”.

2.1 – LUGARES, MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS

A historiadora norte-americana Wendy Lower (2014), estudiosa do Holocausto e das mulheres que serviram o Nazismo, dá início a sua narrativa convidando seu leitor a participar de uma viagem que ela faz com um amigo partindo de Paris, no verão de 1992, para Kiev capital da Ucrânia. Uma viagem que, segundo ela, não muito confortável por conta das más condições das estradas que até pouco tempo estava em território soviético. Chegam à cidade Zhytomyr, onde foi um centro da vida judaica no Antigo Pale, local de um assentamento judeu no período da segunda Guerra Mundial, e que serviu como o quartel-general de Heinrich Himmler, figura que Lower

⁵ As treze mulheres: Ingelene Ivens, Annette Schucking, Pauline Kneissler, Ilse Struwe, Liselotte Meier, Johanna Altvater, Sabine Herbst Dick, Gertrude Segel Landau, Josefine Krepp Block, Vera Stähli Wohlauf, Liesel Riedel Willhaus, Erna Kurbs Petri, Erika Ohr. (LORRY, 2014)

descreve como o “arquiteto do Holocausto”. A viagem prossegue rumo ao Sul, chegam em Vinnytsia, cidade que abrigava o complexo Werwolf, de Adolf Hitler, região que foi, nas palavras da autora, uma espécie de “playground nazista”, onde eles praticaram parte de seus horrores. (LOWER, 2014).

Segundo essa historiadora, com um plano de construir um império que tivesse a duração de mil anos, Adolf Hitler chegou às terras férteis da Ucrânia, a cobiçada “cesta de pão” da Europa, acompanhado por uma legião de técnicos de desenvolvimento, administradores, guardas de segurança e por cientistas raciais, além de engenheiros, que estavam encarregados de colonizar e explorar a região, que foi apossada pela blitzkrieg alemã em 1941. As forças nazistas no Leste europeu assolaram esse território, entretanto, foram derrotadas em uma batalha e se recuaram para o Oeste, e o Exército Vermelho retomou essa área. Além disso, os oficiais soviéticos se apossaram de muitos relatórios alemães, arquivos de fotos e jornais, e caixas de rolos de filmes. (LOWER, 2014).

Conforme Lower descreve, como pesquisadora, encontrou nos arquivos de Zhytomyr, páginas com marcas de botas e botas chamuscadas. Apesar da violência da guerra, os documentos tinham sobrevivido a dois ataques, a evacuação nazista pela terra devastada, quando foram queimadas evidências incriminadoras e, também, a destruição da cidade em virtude dos conflitos bélicos entre os meses de novembro e dezembro de 1943. Esses arquivos tinham trechos interrompidos de correspondências, restos de papéis rasgados com as tintas desbotada, além de decretos de assinaturas rabiscadas por camponeses ucranianos horrorizados. (LOWER, 2014).

Apesar da familiaridade com muitos documentos nazistas em microfilmes do Arquivo Nacional dos Estados Unidos, Lower (2014), nos prédios que serviu de ocupação alemã, se sentiu despertada ao se deparar com nomes de jovens mulheres que participaram da construção do império de Hitler. Tais nomes apareciam em listas inócuas, burocráticas, de professoras de jardim de infância, enfermeiras, secretarias, entre outras profissionais. Outros registros investigativos do pós-guerra traziam nomes de centenas de mulheres que foram chamadas para serem testemunhas e, o que mais lhe impressionou foi que muitas delas deram os seus depoimentos de uma forma muito direta aos promotores que ao interrogá-las esperavam delas delações dos crimes cometidos por seus colegas ou maridos. Muitas dessas mulheres tinham

uma postura insensível e um ar de arrogância ao darem os seus depoimentos sobre tudo o que elas vivenciaram. (LOWER, 2014).

Lower indaga sobre as atitudes dessas mulheres. Se a execução de judeus não era considerada uma causa de alarme no decorrer da guerra, então qual foi a reação dessas mulheres quando elas chegaram em seus postos de ocupação? Saíam desses espaços satisfeitas ou despertavam o desejo de ver ou fazer mais? Seriam essas mulheres culpadas? Em busca de respostas para essas indagações, nos diz que buscou obras pioneiras sobre esse tema, como as pesquisas das historiadoras Gudrun Schwarz e Elizabeth Harvey. Apesar das dúvidas sobre a culpabilidade dessas mulheres de uma maneira mais evidente, Schwarz revelou casos de esposas violentas da SS, mencionando o caso de uma mulher em Hrubieszow na Polônia, que tomou a arma da mão do esposo e atirou em judeus num massacre no cemitério. Dentre outros relatos, nos afirma que

As mulheres do Nazismo focalizam as transformações individuais de mulheres nos trabalhos internos e nos cenários externos do Holocausto, nos escritórios, entre a elite ocupacional, nos campos de morte. Muitas vezes, as que pareciam menos prováveis de perpetrar os horrores do Holocausto se tornavam as mais envolvidas e encantadas. As mulheres apresentadas neste livro têm históricos diversos e vêm de diferentes regiões – da Vestfália rural, da Viena cosmopolita, da Renânia industrial -, mas coletivamente formam uma corte geracional, de 17 a 30 anos de idade. Todas chegaram à idade adulta com a ascensão e queda de Hitler. (LOWER, 2014, p. 21).

Após o fim da guerra, Lower (2014) afirma que a maioria dessas mulheres alemãs não falavam claramente sobre as suas experiências, visto carregarem o peso da vergonha ou medo de contar suas histórias, o que realmente aconteceu e que fizeram. Já outras mulheres tinham boas lembranças dos momentos de uma época considerada difícil, essas tinham rações fartas, termo utilizado para se referir a boa comida, algumas tiveram o seu primeiro caso de amor, serviçais a sua inteira disposição, casas bonitas, festas noites adentro, privilégios de poucos naquele período. (LOWER, 2014).

Com o fim da guerra, o silêncio dessas mulheres quanto ao Holocausto ou seus relatos frios incomodam Lower (2014). Seriam esses comportamentos consequências do egoísmo da juventude, da ambição ou da ideologia que essas jovens cresceram? A exemplo, os relatos de duas das mais perversas guardas de campos de

concentração, como Irme Grese e Ilse Koch, os quais podem gerar uma discussão mais detalhada sobre a participação e culpabilidade dessas mulheres.

A documentação permitiu Lower (2014) constatar que havia uma estimativa de aproximadamente 40 milhões pessoas na população feminina no ano de 1939, que não estava em nenhum grupo de vítimas. Enquanto um terço dessa população, em torno de 13 milhões de pessoas, estava colaborando assiduamente em alguma camada do Partido Nazista e, também, o número de mulheres membros do Partido não parou de crescer até o final da guerra. Um ponto que chamou bastante atenção em sua pesquisa foi não fazer generalizações, ou seja, não incluiu todas as mulheres da Alemanha como colaboradoras do sistema, pois essa teoria não deve ser acreditada. Então, como poderia situar com mais propriedade as categorias criminais, como cúmplice ou perpetradora? Na verdade, isso não traz uma explicação exata de como o sistema operava e como mulheres comuns testemunhavam e participavam do Holocausto, visto que é preciso ter uma análise mais ampla desse processo.

O consenso em estudos sobre o Holocausto e o genocídio é de que os sistemas que tornam possível o assassinato em massa não funciona sem a ampla participação da sociedade e, no entanto, quase todas as histórias sobre o Holocausto deixam de fora metade da população dessa sociedade, como se a história das mulheres acontecesse em algum outro lugar. É uma abordagem ilógica e uma omissão estranha. As dramáticas histórias dessas mulheres revelam o lado mais negro do ativismo feminino. Mostram o que pode acontecer quando mulheres de várias origens e profissões são mobilizadas para a guerra e aquiescem ao genocídio. (LOWER, 2014, p. 26).

2.2 – PODER, JOVIALIDADE E ENGAJAMENTO POLÍTICO

Outro fator interessante era o apreço de Hitler pela jovialidade tanto dos homens quanto das mulheres que dedicaram o seu tempo na condução do terror que o Terceiro Reich propunha, o próprio Hitler quando recebeu a nomeação da Chancelaria, em janeiro de 1933, tinha 43 anos. Além disso, mais de dois terços dos seguidores do Führer tinham menos de 40 anos. As secretárias que mantiveram a máquina de morte em pleno funcionamento tinham de 18 a 25 anos de idade. As enfermeiras, encarregadas de trabalharem nas zonas de guerra, que assistiam os experimentos médicos e até eram encarregadas de aplicarem injeções letais, também eram funcionárias com pouca idade. Essa regra não fugia às amantes e esposas da elite da SS, que tinham como metas terem filhos saudáveis para manterem firme a pureza da raça ariana. A média da idade de uma guarda de um campo de

concentração variava entre 26 anos, a mais nova presente nesses locais era de 15 anos de idade. (LOWER, 2014).

Lower (2014) afirma que os regimes de terror se sustentavam a base do idealismo de pessoas, modificando-as em dedicadas células de movimento de massa, forças paramilitares e até perpetradoras de genocídio. Apesar de seu estudo estar voltado para a atuação feminina, faz uma breve menção aos rapazes alemães que, no seu entender, tiveram a má sorte de terem amadurecidos no período da primeira Guerra Mundial e terem sido transformados em um grupo diferente, com concepções distorcidas, que ainda precisa ser melhor entendida. Uma geração muitas vezes vista como intransigente, jovens profissionais convencidos, ideólogos radicais que realizavam suas ambições na elite da SS, como fomentadores da maquinária do Holocausto em Berlim. (LOWER, 2014).

A geração de jovens mulheres que fizeram parte no genocídio, não no aspecto de direção, mas em outro campo como, por exemplo, as operadoras da máquina, é que fizeram o Holocausto se tornar real. Muitas dessas mulheres migraram para o Leste europeu no período da segunda Guerra Mundial, e se transformaram em testemunha diretas, cúmplices e, também, em assassinas. Essa situação aconteceu devido ao fato de serem *baby boomers*, ou seja, eram mulheres nascidas na esteira da primeira Guerra Mundial, vindas ao mundo no fim de um ciclo de uma era e no início de outra. (LOWER, 2014).

Para descrever a nova ordem que essas mulheres alemãs estavam experimentando com a chegada da democracia, antes de se aderirem ao Nazismo, a historiadora Lower (2014) faz um retorno ao ano de 1918, com o fim da primeira Guerra Mundial, quando o Império alemão se viu arruinado em questões bélicas e militares, os soldados amotinados e o Kaiser, ao ser declarado criminoso, fugiu para a Holanda. O mundo patriarcal do antigo regime alemão ruiu totalmente, e a partir dessas ruínas, no aspecto político, as condições democráticas estavam se tornando possíveis.

Para as mulheres alemãs, a primeira realização desse contato direto com a democracia que era espelhada no perfil americano e inglês, apresentou a elas um espírito de maior liberdade e poder individual num Ocidente que se tornava cada vez mais moderno. As mulheres exerceram o direito ao voto pela primeira vez em 1919,

além de conquistarem uma igualdade formal, pelo o menos no papel era para ser assim, na Constituição de Weimar. Essa mudança foi inédita e brusca, já que em 1908 as alemãs não detinham o direito de participarem das atividades políticas, e como eram tidas como sexo inferior na sociedade, lhes eram destinadas posições subalternas, o que para muitas delas era visto como algo normal. (LOWER, 2014).

Entretanto, com a humilhação do pós-guerra e uma Alemanha derrotada, a esperança de um renascimento nacional e a procura de um salvador para restabelecer a honra de seu país eram aspectos que atraíam a atenção da juventude e das camadas mais pobres, residentes da zona rural que se dirigiam para os vários partidos. Nesse cenário, segundo Lower (2014), a participação das mulheres na criação de movimentos de direita era bem tímida, os homens não estavam dispostos a abdicar o seu tradicional domínio no campo da política, e as questões femininas eram enxergadas como secundárias e não uma prioridade nacional. Os partidos Völkisch de Weimar buscaram suas forças no universo masculino do front de batalha e não do mundo feminino resumido no front doméstico. Na verdade, as mulheres ganharam mais espaços em partidos mais estabelecidos no pré-guerra, a exemplo, no Partido Católico de Centro e no Partido Social-Democrata.

Na explicação de Lower (2014), Hitler, na verdade, planejava promover um despertar da consciência racial no povo alemão, mas para muitas mulheres esse despertar era também um despertar político. Algumas mulheres passaram a ter um comportamento ambicioso, as vezes mais intimidante e energizante, de que deveriam esperar da vida. Em relatos de suas memórias e entrevistas, cada uma das Mulheres do Nazismo narrou experiências parecidas em sua juventude, passando o período do círculo escolar básico, já como jovens adultas, descobriram que desejavam se tornar alguém. Essa pretensão pode atualmente ser entendida como um clichê, embora na época era visto como revolucionária. Moças de origem simples passaram a sonhar alto ao saírem dos seus vilarejos e se matricularam em cursos de datilografia ou de enfermagem, e até se filiando a um movimento político. As primeiras eleitoras em Weimar deslumbravam com possibilidades no território alemão e além dele. (LOWER, 2014).

Por outro lado, o sistema nazista era duro, em hipótese alguma aceitava dissidentes, tanto que as mulheres que eram destinadas a uma função em escritórios militares ou governamentais, só eram demitidas por motivos de saúde, a exemplo da

gestação, ou por indisciplinas, o que acarretava punição. A tarefa de servir ao Reich era ensinada às crianças na escola e nos programas da juventude, e aquelas que eram denominadas de desinteressadas ou que arrumavam pretextos para fugirem do trabalho eram enviadas para os campos de concentração, que proliferavam, para passarem por uma reeducação. (LOWER, 2014).

Nos primeiros anos do movimento nazista, Hitler e seus companheiros progrediram sua ideologia transformando-a no parâmetro imperial de sua nova ordem internacional para demarcar suas ambições territoriais. Como já dito nesse estudo, o ideal era reestruturar a Alemanha e reconduzi-la a posição de grande potência hegemônica na Europa (MAZOWER, 1998), iria finalmente concretizar o que o Kaiser tinha tentado fazer e não obteve êxito. Porém, ao inverso dos métodos britânicos para sustentar a hegemonia no poderio marítimo e em possessões ultramarinas, a estratégia alemã abrangia outro aspecto que estava concentrado no continente europeu em termos de espaços territoriais, mais precisamente nas terras férteis do Leste Europeu. Lower (2014) afirma que a doutrina de Hitler estava expressa no seu livro *Mein Kampf*, publicado em 1925, que se tornou a “bíblia do movimento nazista”.

Ao descrever *Mein Kampf*, já comentado anteriormente nesse estudo, Lower (2014) mostra que o manuscrito abrangia as causas do movimento nazista além da biografia do ditador. Nele ficou estabelecido três pontos importantes como “memórias, diatribe e doutrina”. Em retrospecto, o denominado e claro desejo de colonizar o Leste da Europa fica indisfarçável. No ocaso da hegemonia europeia, porém, essas pretensões imperiais de autointitulada Grande Potência eram consideradas legítimas, pois Hitler acreditava que aqueles territórios eram um direito coletivo do povo alemão, e, historicamente, merecidos. Mais tarde, em seu bunker na Ucrânia, ele devaneava:

O colonizador alemão deve viver em fazendas grandes bonitas [...]. O serviço será alojado em edifícios maravilhosos, os governadores, em palácios [...]. O que a Índia foi para a Inglaterra, os territórios da Rússia serão para nós. Se apenas eu pudesse fazer o povo alemão entender o que esse espaço significa para o nosso futuro! As colônias são possessões precárias, mas esse solo é seguramente nosso! A Europa não é uma entidade geográfica, é uma entidade racial. (HITLER apud LOWER, 2014, p. 45).

Lower (2014) comenta que ao apregoar a afluência de *Mein Kampf* na década de 1930, o Estado Nazista fez uma exigência que o livro fosse usado em sala de aula com o intuito de ensinar a pureza do sangue. E o trâmite do casamento nazista

contava com uma surpresa especial do Führer, cada casal alemão era presenteado com uma edição especial de Mein Kampf.

Quanto as mulheres que se deslocaram para o Leste no Terceiro Reich, não faziam parte da primeira geração de imperialistas alemãs. Anteriormente, no continente africano, a elite colonial do Kaiser localizadas em regiões próximas ao Saara, contaram com muitas mulheres alemãs missionárias. Já no período entreguerras, as mulheres tinham a mobilização nas fronteiras para socorrer alemães moradores em territórios perdidos, segundo os termos do Tratado de Versalhes. Em 1939, quando a Polônia teve o seu território invadido, um número muito grande de mulheres sofrera pressão para prestarem serviços e foram incentivadas a passar férias nesse país. A propaganda feita pelo o movimento feminino do Partido Nazista também serviu como um incentivo para reviver as fantasias imperiais, que foram proclamadas em 1942 para promover a expansão para o Leste. Essas propagandas mostravam o quanto as tropas alemãs eram empreendedoras, lutando e vencendo se tornavam cada vez maior o número de alemães que iam para o Leste (Ostraum) com a administração civil. Essas tropas conquistadoras foram, assim, rapidamente seguidas pelas mulheres alemãs. (LOWER, 2014).

Na visão nazista o espaço vital do Leste europeu ganhava formas contraditórias. Usando um termo analógico de “jardim do Éden alemão”, Lower aponta as características do local como um lugar de oportunidades, embora fosse um campo de hostilidade. Os planos imperiais se fixavam nas terras entre os territórios da Alemanha e Rússia, que na ótica dos nazistas era uma região deformada por conta da presença do que viam como “raça inferior, ameaçadora e de adversários políticos”. Na verdade, segundo essa historiadora, esse ódio paranoico era um mecanismo de práticas de políticas radicais quanto à população e ao aumento de medidas de segurança, o que fornecia a base lógica de fuzilamento em massa de não combatentes, prisioneiros soviéticos, principalmente, um público-alvo de homens, mulheres e crianças judeus. Quais eram os caminhos percorridos por homens e mulheres alemães que chegavam ao Leste? Qual era a proporção de alemães envolvidos, estando próximo do exército o governo alemão e as organizações nazistas colocaram aproximadamente 35 mil agentes colonizadores nos territórios ocupados da União Soviética? A Polônia que também foi ocupada tinha a sua quantidade de personalidades aventureiras, empresários, diletantes, carreiristas, alpinistas sociais e

ex-presidiários. No total da soma 14 mil homens e mulheres prestavam serviços na administração denominada de Governo Geral. (LOWER, 2014).

De forma que a conversão à causa nazista não era instantânea, não ocorria do dia para a noite. O caminho era gradual, era necessário fazer um processo de doutrinação e convencimento, colocados em práticas constantemente nas escolas do Reich. Hitler pregava que uma educação adequada tinha que inflamar o sentimento racial, tanto no instinto quanto no intelecto, alcançando os corações e a mente dessa juventude a ela confiada. A Escola, que passou por uma modificação em 1934, tinha como meta educar o jovem mediante as pautas do nacionalismo e no espírito nacionalista, os professores deveriam receber treinamentos para se transformarem em condutores desse espírito. Tanto que dois terços dos professores alemães frequentavam campos de treinamento, a fim de receberem exercícios físicos e ideológicos.

Nas escolas, as aulas de História falavam das proezas militares de impérios passados e pioneiros heroicos alemães. Hitler engrossava a fileira de heróis ao lado de figuras como Carlos Magno, Frederico, o Grande, e Bismarck. Em Matemática, os alunos aprendiam calcular as despesas que o governo tinha com os incapacitados internados em asilos, implantando, assim, nas mentes jovens uma justificativa plausível em termos econômicos para um programa de extermínio maciço de pacientes, que eram chamados de “bocas inúteis”. Lower (2014) cita o caso de uma professora que se referiu aos judeus como feio não só no aspecto interior, mas, também, por fora, pela sua aparência física; e de outra docente que adentrou a sala de aula com uma suástica no braço e apontou para uma aluna judia, mandando que ela fosse para o fim da sala, pois ela não via essa aluna como alemã ariana.

Entretanto, segundo Lower (2014), foi a profissão de enfermeira que levou o maior número de mulheres alemãs diretamente à guerra e, conseqüentemente, à prática do genocídio, pois as enfermeiras tinham múltiplas funções, tanto tradicionais ou novas, no desenvolvimento do Estado racial. As enfermeiras orientavam as mulheres em assuntos de higiene racial e doenças hereditárias. Na Alemanha, as enfermeiras trabalhavam na seleção de doentes físicos e mentais, nos hospitais faziam as escoltas desses pacientes para a morte, seja na câmara de gás ou lhes aplicando injeção letal.

Nos territórios do Leste europeu, as enfermeiras ficavam com a tarefa de cuidar dos soldados além de testemunharem a privação e o assassinato dos prisioneiros de guerra soviéticos e dos judeus, além de trabalharem nas enfermarias dos campos de concentração. Consolavam os homens da SS e os soldados que recuavam antes de atirar nas vítimas a curta distância. Outra de suas funções era visitar os guetos fazendo inspeções sanitárias e, também, em caráter particular, por apenas curiosidade ou em busca de obter objetos e serviços. As enfermeiras também ficavam nas plataformas dos trens enquanto os judeus suplicavam por socorro, tanto que Lower (2014) afirma terem sido elas as primeiras testemunhas do Holocausto na Europa, e algumas cometeram assassinatos em massas quando o programa da eutanásia se expandiu da Alemanha para a Polônia. (LOWER, 2014).

Nos tempos nazistas, a enfermagem, pelas funções que desempenhou no sistema, adotou uma característica nacionalista e ideológica, que era representada na própria indumentária usada pelos profissionais. Os uniformes eram bem-talhados e toucas modestas substituíram os vestidos longos da primeira Guerra Mundial. A peça de maior importância desse uniforme era o distintivo, em perfil militar, de honra e afiliação organizacional. Sob a liderança do médico e oficial da SS, Ernest-Robert Grawitz, a Cruz Vermelha alemã mantinha vínculos informais, mas importantes com Heinrich Himmler, cuja esposa se orgulhava de ser enfermeira. O Partido Nazista, por sua vez, expedia os certificados das enfermeiras da Cruz Vermelha e, ao mesmo tempo, formava o seu próprio quadro de enfermeiras marrons. Já as enfermeiras judias só podiam trabalhar em hospitais judaicos e fazer atendimento a pacientes judeus. Para obter um diploma oficial a enfermeira precisava das provas de sua ancestralidade ariana e confiabilidade política.

O Führer promulgou uma lei de “eutanásia ” que, considerando o estado de guerra, não podia ser divulgada. A concordância em participar era absolutamente voluntária. Nenhuma de nós tinha qualquer objeção ao programa e Blakenburg nos fez jurar. Juramos sigilo e obediência, e Blakenburg nos chamou a atenção para o fato de que qualquer violação do juramento seria punida com a morte. (LOWER, 2014, p. 63).

Conta-nos essa historiadora que outra categoria que teve papel importante no governo nazista foram as secretárias, auxiliares de escritório alemãs, que exerciam o ofício de arquivistas e telefonistas que trabalhavam em assuntos estatais e particulares no Leste e, assim como as enfermeiras deixaram a sua grande parcela de contribuição no Reich.

Precedente a tomada do poder pelos os nazistas, uma outra revolução acontecia na Alemanha nesse período, uma revolução que seria decisiva na vida das mulheres daquela geração, que era referente ao seu contato com o mercado de trabalho moderno e da grande parcela de mulheres solteiras que estavam ocupando esse espaço. Em 1925, o número de mulheres de “colarinho-branco” em cargos burocráticos havia triplicado desde a época anterior. Entre os anos de 1933 e 1939, as jovens almejavam cada vez mais trabalhar em áreas fora daquele meio agrícola e nos afazeres domésticos. Mulheres preenchiam as vagas dos cargos da burocracia estatal e das corporações, a mesma maquinária que viria dar patrocínio e ajudar a organizar e implantar o Holocausto. A jovem comum da época Weimar não tinha uma visão libertária anticonvencional, e no período nazista não carregava aquele padrão de dona de casa recatada, de corpete e saia rodada franzida. Era totalmente o inverso disso, era uma secretária sobrecarregada de trabalho e mal remunerada. Lower (2014) diz que a modernidade poderia ser muito emocionante e ao mesmo tempo exaustiva. Embora fossem exploradas pelo regime nazista, essas jovens se deparavam com uma oportunidade nova de trabalharem no campo administrativo, até mesmo em um escritório do Reich ou em outro país.

2.3 – AS MULHERES DO NAZISMO: AÇÕES E TRAJETÓRIAS

Nos estudos de Lower (2014) sobre as mulheres no nazismo, ganham espaço uma categoria inusitada, as mulheres esposas de homens nazistas do alto escalão do governo, que são vistas pela pesquisadora como as piores agentes perpetradoras da ideologia nazista. Tais mulheres, mesmo não ajudando na função oficial de colaborar nas ações de crimes, exteriorizavam o seu ódio através de atos em ambientes informais.

Essas mulheres iam para o Leste na companhia de seus maridos, que possuíam alta patente no Partido Nazista, na SS e na polícia e administração da ocupação. Demonstravam o seu entendimento sobre o casamento das seguintes formas: a primeira, ser a esposa cumpridora dos deveres do lar, sendo submissa ao marido e satisfeita com os serviços de casa e na criação dos filhos; a segunda, se dava quando o Führer e a Volksgemeinschaft exigiam, o casamento se transformava em uma cumplicidade no crime. Na pirâmide hierárquica do poder nazista, segundo a

visão de Lower (2014), a raça compartilhada pelo marido e mulher chegava a superar a desigualdade de gênero. As mulheres tinham práticas iguais as dos homens no trabalho sujo do regime nazista, o trabalho era necessário para a futura existência do Reich, devido ambos serem iguais racialmente.

Wendy Lower (2014) também narra como se comportaram as mulheres dedicadas ao programa do regime nazista. Enquanto umas estavam na posição de testemunhas de tudo o que elas presenciaram e até com a suas ajudas, outras achavam a ida para o Leste confusa e difícil, enquanto outras encaravam com muito entusiasmo, pois já estavam gozando da fase adulta que lhes davam a liberdade de autorrealização.

Mediante a narrativa de Lower (2014), enfermeiras, professoras e secretárias adentraram em várias zonas da campanha de genocídio nazista, próximo ao front ou na retaguarda. Embora muitas dessas mulheres não testemunharam diretamente os crimes, elas se depararam com alguns aspectos do fuzilamento em grande escala de judeus. Como se fosse uma leve e quase esquecida lembrança algumas reconheciam, o que acontecia diante de si, além de sua parcela de contribuição para que as políticas de crime do regime nazista.

A autora ressalta que no período do Holocausto essas mulheres, de uma forma ou de outra, se desdobravam pela a Europa para exercer diferentes tarefas em diversos estágios. Entretanto, essas mulheres, mesmo trabalhando na maquinária do Holocausto, viam apenas as partes, não tinham a possibilidade de apreender o todo. Por exemplo, nos casos de fuzilamentos ocorridos em grandes proporções entre setembro e outubro de 1941 em Babi Yar, na Ucrânia, essas funcionárias circulavam entre os soldados e o pessoal que entravam e saíam do front, chegando a ser publicado em jornais oficiais alemães, boletins soviéticos e filmados por unidades da propaganda alemã em Lviv (Lemberg), que depois foram exibidos em cinejornais e cinemas alemães. (LOWER, 2014).

Assim, o Nazismo foi naturalizando a violência. As funcionárias, profissionais ou parentes da elite governante que estavam nos territórios do Leste europeu, que testemunhavam ou ouviam dizer sobre alguma atrocidade cometida contras os judeus, aceitavam com naturalidade, não demonstravam nenhum um tipo de preocupação porque o problema era daqueles que estavam naquela condição. Lower (2014) explica

que o antissemitismo tinha arrancado a sensibilidade dos alemães quando se tratava da situação dos judeus, principalmente com os judeus estrangeiros.

A princípio, aterrorizados com a violência que guerra e o genocídio mostravam, muitos acostumaram e começaram a violência extrema com tranquilidade, nutrindo a expectativa que os exércitos de Hitler fossem vitoriosos, muitos continuaram a prosperar. As imagens mais pesadas podiam até se desfazer nas mentes, esquecidas em virtude da rotina diária e reprimidas por necessidades imediatas. Mas, essas mulheres tinham que suportar essa pressão a qualquer custo, Lower (2014) faz uma indagação: “não era essa atitude a se esperar de uma legítima alemã virtuosa, patriota leal, uma ariana racialmente superior”?

A narrativa de Lower (2014) nos diz que não foi muito tempo para que as enfermeiras, secretárias e professoras comessem a entender que a guerra girava conforme a vontade de Hitler, e que o seu desejo era uma campanha de verdadeira aniquilação. Para essas mulheres a compreensão da real situação do momento se dava durante a viagem para os campos de concentração no Leste europeu, em conversas ouvidas dentro do trem, ou ao cruzar a fronteira ou logo na chegada.

Conta Lower (2014) que o contato muito próximo com o genocídio era um verdadeiro choque para a maioria daquelas mulheres, ao passo que elas, ao contrário dos homens que desde jovens cresceram à sombra da grande guerra, não receberam treinamentos para a violência, nem para cometer e nem reagir. Quando chegaram ao Leste era muito pouco o número de mulheres que tinham recebido algum preparo para testemunhar ou auxiliar a execução em massa, suas reações pessoais com o Holocausto mostravam menos sobre a sua formação para a guerra do que sobre seu caráter sobre e comprometimento ideológico com o regime. As reações alternavam em prestar socorro, num extremo, e matar diretamente no outro.

Além das mulheres profissionais e esposas de agentes nazistas colaboracionistas do regime, também houve um número significativo de mulheres comuns que colaboraram das mais diversas formas para o assassinato em grande escala. Na realidade, esse número foi muito superior ao das mulheres que tentaram, poucas vezes, impedir tais crimes.

É realmente fantástico. Uma cidade inteira totalmente isolada por arame farpado [...]. Só se vê aquela gentalha vagabundeando. Nas roupas, eles têm uma estrela de Davi amarela, na frente e nas costas (invenção de papai, ele

só falado céu estrelado de Lodz) [...]. Sabe, realmente não se pode ter simpatia por essa gente. Acho que eles sentem muito diferente de nós, e, portanto, não sentem essa humilhação e tudo mais. (LOWER, 2014, p. p. 99).

Sentimento de medo, sofrimento e vergonha é o que Lower (2014) define como fator predominante no silêncio profundo das mulheres alemãs após a segunda Guerra Mundial. Seguramente era evidente o anseio de muitas dessas mulheres que estiveram presentes e atuantes nos campos de morte para encobrir o fato de que estavam próximas às cenas dos crimes, mesmo que elas quisessem falar o que sabiam nem sempre havia alguém disposto a ouvi-las. Há de se ressaltar que a situação dessas mulheres colaboracionistas era muito diferente de outras mulheres que participaram da guerra, narrar memórias da barbárie não deveria ser um exercício fácil.

Já as mulheres alemãs poderiam descrever suas dificuldades e situação de vítimas no front doméstico, contar que durante a guerra exerceram o trabalho de homens, operando veículos pesados, fizeram policiamento de mercados e cuidaram da administração de fazendas; narrar sobre acontecimentos como a devastação que os bombardeios aéreos causaram em sua cidade natal, sobre os desabrigados, as fugas que ocorreram e a fome no pós-guerra. Os seus ouvintes seriam bem receptivos, pois suas recordações confirmavam os papéis tradicionais das mulheres em tempos de guerra como leais defensoras, serviçais e mártires inocentes. (LOWER, 2014).

Quanto às mulheres jovens alemãs que eram enviadas para o Leste, aos campos de concentração, algumas iam por livre espontânea vontade, decidiam ir com o desejo de realizar a expectativa de vivenciar uma situação desconhecida ou mesmo se aprofundar nas causas nazistas, ver de perto a realidade do Holocausto. A interação com judeus e assassinatos em massa entrava de maneiras inesperadas, mas recorrentes, no cotidiano dessas mulheres. De forma que essas experiências lhes proporcionavam diversos efeitos, até poderia fortalecer suas determinações, mas lhes confundia ou corroía o senso de moralidade. (LOWER, 2014).

Como Lower (2014) relata, a juventude dessas mulheres pode ter sido uma determinante para que tantas delas fossem influenciadas pelo momento e pelo movimento nazista. Nos registros de memórias e entrevistas, mesmo estando em posições de réus em julgamentos, algumas dessas mulheres alemãs delatavam suas

próprias ações vergonhosas, justificadas com os comentários de que eram muito jovens naquele tempo. Embora durante o período da guerra, cada uma dessas mulheres chegou mais perto da terrível realidade dos feitos da nação, quando tiveram que fazer as suas escolhas. Como já dito, elas não tinham opção de deixar o cargo, nem ao menos de evitar de serem testemunhas do genocídio, não tinham opções de como se comportar durante após a guerra.

Lower (2014) revela que muitas alemãs se depararam com os acontecimentos, em suas várias fases. Algumas bisbilhotaram os guetos impulsionadas pela curiosidade, onde descobriram valas comuns, outras receberam convites para tomar posse das roupas e dos pertences dos judeus, e como mecanismo de defesa muitas dessas mulheres optaram por fechar os olhos para a realidade. Porém, não foram todas que tiveram essa oportunidade, pois as que estavam no centro da maquinaria de assassinato não tiveram como fazer vista grossa. (LOWER, 2014).

O grande número de criminosas que roubavam dos judeus, administrava o genocídio e participavam de cenas de crimes não consta em nossa memória coletiva e nas histórias oficiais. O papel das alemãs na guerra de Hitler não pode mais ser entendido como sua mobilização e vitimização no front doméstico. A Alemanha de Hitler produziu outro tipo de caráter na guerra, uma expressão de ativismo e patriotismo femininos da espécie mais violenta e perversa. (LOWER, 2014, p. 133).

A autora traz uma revelação sobre a primeira assassina nazista em massa, ela não foi uma guarda de campo de concentração, mas sim uma enfermeira, e que no círculo que envolvia todas as profissionais femininas, ela foi a mais mortal. A elaboração central de operações de assassinatos em massa não teve início nas câmaras de gás de Auchwitz-Birkenau, nem nos locais escolhidos para fuzilamento na Polônia, as mortes começaram dentro dos hospitais do Reich. Os primeiros métodos de extermínio foram as pílulas para dormir, a injeção e a fome. As primeiras vítimas desses assassinatos foram as crianças, durante a guerra as enfermeiras deram para milhares de bebês deformados e adolescentes inválidos overdoses de barbitúricos, injeções letais de morfina, e lhes negaram comida e água. (LOWER, 2014).

Lower (2014) descreve que essas práticas aconteciam em nome do progresso e da saúde da nação. No final do século XIX, a ciência moderna em termos de genética criou o campo internacional da eugenia, uma expressão definida no subtítulo

de um livro de autoria de Eugenis: *The Science of Human Improvement by Better Breeding* (1910). Na época, tanto o racismo como o nacionalismo eram vistos positivamente. Esse progresso em termos de beleza em ideais alemães e conduta só seria alcançado pela “remoção das pragas da humanidade”. Nas mãos de revolucionários fanáticos, a exemplo dos nazistas, essa ciência de desigualdade humana foi levada ao extremo.

Na Alemanha nazista, as práticas de manipulações biológicas e esterilizações eram tidas como insuficientes para alcançar as metas da perfeição ariana mediante a engenharia social, e a segregação também não era tida como suficiente. A única solução total do problema da degeneração racial para o Nazismo seria destruir o elemento contaminador, começando pelos próprios alemães “defeituosos”, camufladamente denominado de “eutanasia” ou “morte por misericórdia”. Esse programa ultrassecreto foi autorizado pessoalmente por Adolf Hitler e colocado em prática no espaço coberto da guerra. (LOWER, 2014).

No que se refere aos fuzilamentos de pacientes psiquiátricos poloneses Wendy Lower (2014) detalha que tiveram início em Kocboromo (Conradstein, na Alemanha), no mês de setembro de 1939. Em outubro do mesmo ano, aconteceu a primeira morte inédita através do experimento do uso de gás. O seu alvo foram os pacientes do hospício situado em Owinska (Treskau). Esses pacientes foram levados para o Forte VII em Poznan, onde uma câmara rudimentar foi lacrada com argila, em um experimento que o próprio Himmler assistiu em dezembro de 1939.

Já a SS e unidades móveis de matadores da polícia fizeram uma varredura na Polônia, e depois na região do Báltico, Ucrânia e Bielorrússia, onde foram mortos a tiros milhares de pacientes dentro de hospícios e hospitais, matando por meio de gás em vans fechadas. Tanto no Reich quanto nos hospícios de Grafeneck e Hadamar, a equipe que administrava o hospital fazia o envio dos comunicados informando a morte, além de mandarem também as cinzas misturadas para os parentes das vítimas. (LOWER, 2014).

Após o fim da segunda Guerra Mundial nasceu na Alemanha a ânsia por provar a culpa ou a inocência com relação aos horrores estabelecidos pelo regime do Partido Nazista vividos pelos poloneses e outras populações no Leste sob ocupação desde 1939 e, também, pelos judeus e outros alvos políticos raciais na Alemanha nazista de

1933. Para as mulheres comuns da Alemanha a situação foi problemática com a derrocada do Reich, quando chegaram as provações físicas e os dilemas morais na evacuação do Reich, somados a violência do exército soviético, a luta pela sobrevivência a partir do que ainda tinha sobrado da terra natal e a devastação de famílias mediante a ocupação dos aliados.

Lower (2014) menciona o relato tenso de uma professora primária na Ucrânia sobre o momento da evacuação, ao se deparar com o avanço do Exército Vermelho indo rumo ao rio Dnieper no verão de 1943. Tinha muitas crianças na escola, todas eram órfãs. Essa professora e suas colegas pensaram que as crianças poderiam ser assassinadas, mesmo assim tomaram a decisão de abandoná-las. Segundo essa professora, as crianças choravam, amedrontadas, e temendo por suas vidas se agarravam a ela para que não as deixassem sair, mas, a professora enfatiza que teve que sair, e junto com as outras colegas atravessaram a fronteira da Alemanha com a Polônia.

Entretanto, essa professora só obteve êxito em sua travessia após um termo que assinou à Gestapo, se comprometendo a não mencionar o que ela havia feito e visto na Ucrânia. Tempos mais tarde, quando a guerra já tinha passado, ela tomou conhecimento da ocupação soviética em Chernihiv, onde ocorreu um verdadeiro banho de sangue, soube que todos os homens, mulheres e crianças que tiveram alguma coisa, por menor que fosse, a ver com alemães foram mortos. (LOWER, 2014). Esses relatos nos mostram como essas mulheres viviam situações limites.

Como a maioria das mulheres não tinham postos de comando específicos, com exceção daquelas que estavam inseridas nas organizações femininas do Partido Nazista e como médicas em alguns estabelecimentos hospitalares, elas acabaram não se sentando no banco dos réus como o alto escalão nazista se sentaram. Figuras importantes do Reich como Hermann Goering, Rudolf Hess e Alfred Rosenberg, todos esses nomes foram julgados pelo Tribunal Militar Internacional de Nuremberg.

Em um ambiente muito próximo do front, na zona de guerra contra a resistência e em pleno Holocausto, os oficiais nazistas na companhia de suas esposas e assistentes femininas ainda fizeram uma tentativa de manter ativa a missão racista, imperialista, se apoiando em atos violentos como instrumento primário de controle, Lower descreve que a região Leste pode até ter tido um predomínio dos homens, mas

as mulheres apreenderam muito bem racionalizar bem as suas ações. (LOWER, 2014).

Como podemos compreender com Lower (2014), pelo menos meio milhão de mulheres testemunharam e contribuíram para as operações e o terror de uma guerra genocida que foi a segunda Guerra Mundial, principalmente nos territórios do Leste. O regime nazista atraiu uma geração de jovens revolucionárias que foram manipuladas para aceitar, incitar e cometer violências em defesa ou afirmação da superioridade da Alemanha. O genocídio também foi coisa de mulheres, tendo a oportunidade em mãos essas mulheres hipotecaram apoio a Hitler e ao Nazismo, até mesmo em suas características mais sangrentas. Diminuir a culpa dessas mulheres a poucos milhares de guardas femininas desencaminhadas por lavagem cerebral não corresponde com a realidade que Holocausto criou. Vejamos, brevemente, a trajetória de algumas dessas mulheres.

2.3.1- JOHANNA ALTVAER ZELLE

No momento pós segunda Guerra Mundial, Lower (2014) descreve, dentre outras, três personagens femininas que deram a sua grande participação aos crimes cometidos pelo regime nazista, como assassinatos e agressões de todos os tipos. A primeira, Johanna Altvaer Zelle, uma secretária alemã que estava no Leste europeu, acusada de assassinato. Com a perseguição aos criminosos de guerra nazistas na Alemanha Ocidental, ela se tornou ré e seu julgamento teve uma grande repercussão.

A autora indaga o que aconteceu com Johanna depois que ela deixou o território ucraniano após o Natal de 1943? A antiga secretária do Reich retornou para o seu antigo emprego enfadonho na administração civil de Minden. Depois do fim do conflito mundial não foi incomodada ou seriamente interrogada sobre as suas reais práticas e atividades no Leste. Nos seus documentos de desnazificação certificava-se que ela estava em boas condições e poderia ser bem aproveitada, tanto que acabou sendo promovida a assistente social do bem-estar da juventude.

Quando foi acusada, Johanna Altvaer Zelle se declarou ser uma mulher sensível, e que desprezava qualquer tipo de violência. Entretanto, como atuou no Leste, ela viu sim casos de deportações, mas afirmou em depoimentos que nos casos

de fuzilamentos ela só tinha ouvido comentários. Utilizando-se de tática para atrair a simpatia do tribunal, alegou que era muito jovem na época, era apenas uma secretária que tinha sido escalada para a região do Leste. O caso de Johanna Altvater Zelle, em virtude da falta de provas escritas concretas do período da guerra, acabou levando-a à absolvição, por mais que o promotor acreditasse que a acusada tivesse matado de uma maneira brutal crianças judias em um Gueto na Ucrânia, e por ela ter admitido que estava na liquidação do gueto por sua própria vontade. (Lower 2014).

Depoimentos de dezenas de testemunhas oculares foram considerados insuficientes provas insuficientes. Por esse raciocínio, poucos poderiam ser responsabilizados. Um regime genocida todo-poderoso, de homens e mulheres perpetradores que agiam como senhores da vida e da morte, foi sustentado pela totalidade do sistema ou, como disse Hannah Arendt, pela a “lei de Ninguém” (que se tornou a “a responsabilidade de ninguém” no tribunal pós-guerra). As vítimas de Zelle, crianças em que Zelle atirou na boca esmagou contra o muro do gueto, não tiveram uma morte “normal”. Portanto, em termos lógicos, Zelle não era uma mulher “normal”. Segundo a lei alemã, porém ela era, e normais foram seus supostos crimes. (LOWER, 2014, p. 195,196).

2.3.2 - ELISSABETH LISEL WILHAUS

A segunda personagem do trio de mulheres do regime nazista aqui escolhidas, foi Elisabeth Lisel Wilhaus, uma das poucas perpetradoras que foram indiciadas na Alemanha Ocidental por assassinato. Ao contrário de Johanna Altvater Zelle, seus crimes não passaram despercebidos depois da guerra. Ela foi uma das 16 pessoas indiciadas pelo assassinato em massa de mais de quatro mil judeus na região de Lviv (Lemberg).

Em julho de 1943, o marido de Liesel, Gustav foi enviado para o combate com a unidade Waffen-SS. Ela continuou em Lemberg o tempo máximo que pode, pois a sua cidade de origem, em Saar, estava sofrendo constantes bombardeios com o Exército Vermelho avançado para a Galícia, retomando Lemberg em julho de 1944. Foi quando Liesel voltou para a casa, seu marido morreu em ação próximo a Frankfurt no final de março de 1945 e, na condição de viúva de guerra com um filho pequeno e sem receber a pensão do marido, foi morar com a família por um tempo, quando decidiu se casar de novo com um advogado em 1948.

Embora os relatos de sua história no período da guerra e após, os investigadores não puderam acusar Elizabeth Liesel Willhaus, pois como o seu lugar

na máquina de morte não tinha nada que formalizasse uma posição oficial, nem documentos da época da guerra que comprovasse os depoimentos das testemunhas. Entretanto, ela estava presente na cena do crime e cometeu assassinatos em grandes escalas publicamente, embora não pudesse ser legalmente responsabilizada. (LOWER, 2014).

Os promotores que cuidaram do caso de Wilhaus analisaram que um número considerável de pessoas que testemunharam contra ela, nem todos eram sobreviventes judeus, e as lembranças e depoimentos foram tidos como menos confiáveis por muitos tribunais alemães, sendo que alguns eram ex-colegas de seu marido na SS. Porém, todos que depuseram assim como os promotores que levantaram os casos, demonstraram-se chocados com o comportamento da esposa do comandante, que ia na contramão de todos os parâmetros de um “caráter feminino”. Por motivos que continuam obscuros, Elizabeth Liesel Willhaus, conseguiu a sua liberdade. (LOWER, 2014).

2.3.3- ERNA PETRI

A terceira e última personagem elencada foi Erna Petri. Conta-nos Lower (2014), que Petri foi presa em 1961, e não era uma desconhecida pela a polícia da Alemanha Oriental. Seu marido, Horst, também já tinha sido preso por supostas atividades contra o Estado. A Stasi vinha monitorando os Petri através das leituras de suas correspondências, principalmente, as suas cartas para o filho, que morava na Alemanha Ocidental. As confissões arrancadas sob coação de Horst e Erna Petri são muito ricas em detalhes e de um modo geral muito coerentes entre si.

Entretanto, os promotores alemães determinaram que a atividade pós-guerra de Horst que motivaram a sua prisão eram irrelevantes, certamente não era tido como tão graves como os crimes de guerra e contra a humanidade que a sua esposa Petri colocou em prática. Os dois passaram por interrogatórios juntos durante três horas no dia 31 de agosto de 1962, quando deveriam confirmar ou negar os crimes um do outro. Entre os dias 10 e 15 de setembro, marido e mulher foram julgados juntos. Em uma gravação do julgamento, Erna foi muito detalhista sobre os seus atos criminosos, tanto que o promotor chegou a interrompê-la, agradecendo-a, dizendo-lhe que já tinha ouvido o suficiente. O caso de Petri oferece um exemplo raro de como o fator gênero

contribuía para o tratamento de criminosos de guerra na Alemanha Oriental, bem como um vislumbre da psicologia de uma perpetradora do Holocausto. (LOWER, 2014).

O Tribunal justificou a sentença declarando haver diferenças entre os dois réus e que no caso de Erna, era necessário levar em conta que ela se tornou assassina por influência do esposo, além de que a constante interação com os sanguinários da SS em Grsenda era um fator considerável para induzi-la a cometer crimes. Quando Erna Petri foi presa, ela negou que tinha cometido qualquer crime, somente admitiu ter ouvido falar de judeus baleados na floresta de sua propriedade. Passado um mês de prisão e interrogatórios ela começou a ceder à pressão.

No dia 15 de setembro de 1961, Erna passou por um longo interrogatório que teve início às 8 horas da manhã com pausa para o almoço e jantar com duração de uma hora cada, e terminou de madrugada. O interrogador chefe, chamado Frank, quis saber quais crimes a ré tinha cometido, ela disse que estava em sua propriedade de junho de 1942 a 1944, justamente onde tinha agredido funcionários, inclusive o ferreiro, que agora era uma testemunha contra ela no interrogatório.

Frank mencionou as testemunhas oculares polonesas que disseram ter visto Erna com a sua pistola na mão atirando em judeu, além de obter detalhes ricos dos fatos Frank lhe indagou sobre o porquê de ter negado os crimes. Ela respondeu que foi por medo de ser punida e por ter achado que seu marido assumiria os crimes cometidos por ela. Embora a Erna Petri não tivesse sido absolvida e nem perdoada, foi libertada em 1992, e retornou para a casa por motivos de saúde. Em virtude de um relato, uma organização clandestina, a Stille Hilfe (Ajuda Silenciosa), ganhou um caso no tribunal do distrito de Stollberg, onde estava localizada a prisão, para libertar Petri. É provável que a ajuda silenciosa tenha pagado o custeio de Petri e talvez tenha sido responsável pelo convite para morar na Bavária, onde ela usufruiu dos prazeres das montanhas e lagos alpinos. Erna morreu em julho de 2000, pouco tempo antes ela tinha comemorado o seu aniversário de 80 anos. (LOWER, 2014).

Para finalizar, fiquemos com a interpretação de Lower (2014) que afirma que explicar as causas do comportamento genocida de mulheres é tão difícil quanto tentar isolar as motivações de sua contraparte masculina, e dadas as ideias preconcebidas de gênero na época e hoje é indiscutivelmente mais complicado.

Para entender os papéis e comportamentos de mulheres enquanto agentes de um regime criminoso, devemos começar identificando quem elas eram, o que fizeram e quem foram responsáveis por suas ações. Embora os assassinos em massa tenham criado falsos relatos sobre suas experiências, esses relatos nos dizem alguma coisa. (LOWER, 2014, p. 211).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado mediante a pesquisa em fontes históricas como textos e livros de autores que estudaram a temática, com intuito de explicar a posição e as ações de mulheres alemãs colaboracionistas com o governo nazista, estabelecido no Terceiro Reich na Alemanha, com a emergência de Adolf Hitler no poder. Ao longo do percurso dessa produção, trabalhando em diálogo com as fontes e autores escolhidos, evidentemente, sem tomar o seu lugar de fala, apresentamos como tais mulheres atuaram no período do conflito bélico.

Fazendo uma narrativa na primeira pessoa para descrever o porquê da escolha desse tema, digo que estava com 10 anos de idade, quando no dia 29 de agosto de 1997, em uma sexta-feira a noite, assistia um filme que envolvia guerra, judeus e perseguição. O filme era A Lista de Schindler, que narra a história real de Oscar Schindler, um industrial alemão filiado ao Partido Nazista que, ao contrário da maioria de outros integrantes do regime, se deu conta de qual era a prática de Adolf Hitler, um plano de extermínio em massas dos judeus, tentando, assim, de todas as formas salvar o máximo de judeus da morte, empregando-os em sua fábrica.

Na Escola, nas aulas de História, quando tive contato direto com conteúdo que tratava da Primeira e Segunda Guerra Mundiais, sempre me sentia atraído pelo conteúdo. De forma que o tema sempre me despertou muita atenção, embora quero deixar claro que nunca tive, por menor que seja, nenhum tipo de admiração pelo Nazismo, seu alto escalão e suas práticas genocidas.

Outro ponto para escolha dessa temática foi justamente o fato de quando se fala em Segunda Guerra Mundial já lembramos de Adolf Hitler e do alto escalão do Partido Nazista, até mesmo nas escolas quando esse tema é abordado prioriza-se a figura masculina. Mas a mulher, qual foi o seu local, a sua atuação nesse contexto histórico? Quais foram suas ações e colaborações, principalmente, com os ideais do Nazismo? Essas indagações foram o foco desse estudo monográfico para mostrar que embora as mulheres sejam pouco mencionadas, elas tiveram uma participação determinante na maquinaria de morte nos campos de concentração nazistas espalhados na Alemanha e em alguns países do Leste europeu e, assim, contribuíram com as barbáries do Nazismo.

A mensagem principal desse trabalho foi mostrar como uma ideologia do ódio e o ressentimento na Alemanha foram capazes de transformar vidas e levar o Nazismo ao poder, como transformou a vida de algumas mulheres que eram professoras, secretárias, enfermeiras, médicas ou até mesmo esposas e mães, exteriorizando um lado perigoso que até elas mesmo talvez desconhecêssem.

Como nos diz Lower (2014) em sua pesquisa sobre a presença de mulheres profissionais e membros das famílias que estavam atuando situadas no Leste, muitas dessas mulheres cometeram crimes bárbaros em situações limites. Constata que em uma sociedade pacífica, mulheres cometem em média 14% de todos os crimes violentos e 1% dos assassinatos, em tempos de paz mulheres assassinas agem sozinhas, e contra grupos. Entretanto, em uma sociedade bélica com práticas genocidas como aconteceu na Alemanha nazista, tanto o número de homens e mulheres que cometem atos violentos se torna muito mais alto, e cada ato individual pode levar a um número bastante alto de mortes.

Lower (2014) nos mostrou com seu estudo que as mulheres tinham sim capacidade de serem violentas, embora o que muito pouco se sabia era sobre as circunstâncias e ideais que transformavam essas mulheres em genocidas, os vários papéis de atuação que elas exerceram dentro e fora do sistema e as formas de comportamento que adotaram. Essas alemãs que foram para o Leste se envolveram nos crimes do Holocausto, incorporavam o projeto de expansão do império nazista, que se tornava cada vez mais violento. Com o final da guerra, a máquina de destruição foi paralisada, entretanto, a vida dessas mulheres não, elas retornaram às suas casas, para as ruínas do Reich, e colocaram uma pedra em cima de seu passado cheio de crimes.

Esta monografia, subsidiada nas pesquisas de Lower (2014), conclui que em uma sociedade bélica com práticas genocidas, como ocorreu na Alemanha nazista, tanto o número de homens e mulheres que cometem atos violentos se torna muito mais alto, e cada ato individual, como vimos anteriormente com as professoras, secretárias, enfermeiras e esposas, pode levar a um número bastante alto de mortes.

No que se refere a essas mulheres, secretárias, esposas e amantes dos SS, concordamos com a historiadora Lower (2014), jamais se terá um número exato de suas participações e colaborações, mas as evidências aqui apresentadas neste

estudo abrem espaços para novos pensamentos e indagações sobre o Holocausto, especificamente, sobre o genocídio de uma forma geral, temas que poderão ser estudados por nós em nova pesquisa em uma pós-graduação.

REFERÊNCIAS

BESSEL, Richard. **Nazismo e Guerra**. 1º Ed. Editora Objetiva, 2014.

BLANC, Claudio. **Primeira Guerra Mundial**. A guerra que acabaria com todas as guerras. 1º Ed. Editora Camelot, 2019.

CERVO, Amado Luiz. Hegemonia coletiva e equilíbrio: a construção do mundo liberal (1815-1871). In: SARAIVA, J. F. S. (Org.). **História das Relações Internacionais Contemporâneas**: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização. São Paulo; Saraiva, 2006, p. 41-75.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. Adolf Hitler. 1º Ed. Editora Centauro, 2016.

KEYNES, John Maynard. A Europa depois do Tratado (1919) In: **Keynes, John Maynard**: economia. SZMRECSÁNYI (Org.). São Paulo: Ática, 1978, p. 54-69. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

LOWER, Wendy. **As Mulheres do Nazismo**. 1º Ed. Editora Rocco, 2014.

MAZOWER, Mark. A Nova Ordem de Hitler, 1938-45. In: **Continente Sombrio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Daniel Neves. “**O que foi a Unificação Alemã?**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-unificacao-alema.htm>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

TRESPACH, Rodrigo. **Personagens do Terceiro Reich**. A história dos principais nomes do nazismo e da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. 1º Ed. Editora 106, 2020.